

REVOCATA DE MELO

FOLHAS ERRANTES




Coleção
Documentos
108

ESCRITA FEMININA NO SUL DO BRASIL: REVOCATA HELOÍSA DE MELO E SUAS *FOLHAS ERRANTES*

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

EDIÇÕES BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE


BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES
LUCIANA COUTINHO GEPIAK**

ESCRITA FEMININA NO SUL DO
BRASIL: REVOCATA HELOÍSA DE
MELO E SUAS *FOLHAS*
ERRANTES





Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves
Luciana Coutinho Gepiak

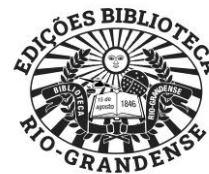
ESCRITA FEMININA NO SUL DO BRASIL: REVOCATA HELOÍSA DE MELO E SUAS *FOLHAS ERRANTES*



- 108 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2025

Ficha Técnica

Título: Escrita feminina no sul do Brasil: Revocata Heloísa de Melo e suas *Folhas errantes*

Autores: Francisco das Neves Alves e Luciana Coutinho Gepiak

Coleção Documentos, 108

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: Montagem com a folha de rosto do livro *Folhas errantes* e a fotografia da lápide de Revocata Heloísa de Melo

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Agosto de 2025

ISBN – 978-65-5306-052-4

Os autores:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

Luciana Coutinho Gepiak é doutora em Letras pela FURG (2022), mestre em Letras pela FURG (2017), Especialista em Rio Grande do Sul: sociedade, política e cultura pela FURG (2014), Especialista em Literatura Brasileira Contemporânea pela UFPEL (2003) e graduada em Letras - Português pela FURG (2000). É autora dos livros: *Do jovem poeta no Parthenon Literário ao místico Barão de Ergonte: dois estudos de caso sobre o escritor gaúcho Múcio Teixeira*; *Líricas satíricas: o texto poético nas páginas da Comédia Social*; *Imprensa e escrita feminina: Revocata Heloísa de Melo e o periodismo sul-rio-grandense* e *Escrita feminina no Brasil Meridional: Revocata Heloísa de Melo - reconhecimento e produção bibliográfica*. Participou de três coautorias. É responsável pelo Setor de Literatura, vinculado à Secretaria de Município da Cultura, Esporte e Economia Criativa, da Prefeitura Municipal do Rio Grande.

ÍNDICE

A escritora – Revocata Heloísa de Melo / 9

A escritura – *Folhas errantes* / 47

A ESCRITORA – REVOCATA
HELOÍSA DE MELO

Apesar do conservadorismo social embasado na estrutura patriarcal que marcou a formação histórica sul-rio-grandense, a mais meridional unidade administrativa imperial/republicana brasileira foi marcada pela presença de notáveis representantes da escrita feminina. Dentre os nomes de mulheres que se destacaram na Literatura do Rio Grande do Sul, um dos mais relevantes foi o de Revocata Heloísa de Melo. Ela nasceu em Porto Alegre, no ano de 1853, mas, quando tinha por volta de dois anos de idade, acompanhou a família em mudança para a cidade do Rio Grande, onde fixou residência definitiva, praticamente sem deixá-la ao longo de sua existência. Na época a localidade do Rio Grande passava por uma etapa de crescente progresso econômico, a partir das atividades mercantis executadas por meio de seu porto, o único marítimo no contexto provincial, depois estadual. Nessa linha a urbe portuária constituía verdadeira porta do Rio Grande do Sul, por onde escoavam os produtos derivados das lides pecuário-charqueadoras rio-grandenses-do-sul e eram importadas diversificadas mercadorias, além de também constituir o ponto de entrada de imigrantes, jornais, livros e companhias artístico-culturais, que davam um ar razoavelmente cosmopolita para a comunidade.

A partir dos avanços de ordem socioeconômica, a cidade do Rio Grande também obteve progressos do ponto de vista demográfico e em termos de organização urbana, em uma junção de fatores que também permitiu o desenvolvimento no campo cultural. Isso poderia ser verificado pela presença de um Gabinete de Leitura, fundado em 1846, que viria a transformar-se, ao final dos anos 1870, na Biblioteca Rio-Grandense, uma das instituições culturais mais

importantes na conjuntura regional e nacional. Além disso, a cidade portuária também contou com várias livrarias, que atuavam igualmente como editoras, e constituíam epicentros de concentração de atividades intelectuais. Outro fator que demonstra tais progressos esteve vinculado à presença de uma imprensa, que poderia ser considerada como uma das mais relevantes do Rio Grande do Sul, com a publicação de variados gêneros jornalísticos, como noticiosos, políticos, humorísticos, literários, almanaques, representantes de certos segmentos socioeconômicos e vários outros. Tal contexto favorável ao aprimoramento cultural foi extremamente propício para o aparecimento de uma ativa e profícua intelectualidade, constituindo o que, à época, convencionou-se denominar de um conjunto de “homens de letras”, embora também houvesse várias “mulheres de letras”, com intensa atividade literária. No caso de Revocata, tal ambiente citadino foi ainda complementado pelo âmbito familiar, no qual vários elementos constitutivos dedicaram-se também ao mundo das letras.

Como era comum à intelectualidade de então, Revocata de Melo teve uma ação múltipla em termos culturais, atuando como professora, jornalista, poetisa, prosadora e teatróloga, sendo a sua participação na imprensa, uma daquelas que mais lhe deu notoriedade. Foram muitos os periódicos com os quais a escritora colaborou, podendo ser citados apenas com exemplificação os seguintes títulos: *Álbum Literário*, *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, *Almanaque Popular Brasileiro*, *Arauto das Letras*, *A Ventarola*, *Eco do Sul*, *O Lábaro*, *O Maragato*, *O Pervigil*, *O Tempo*, *Progresso Literário*, *Revista do*

Partenon Literário, Revista Literária, Tribuna Literária, Tudo e Zé Povinho. Ela foi ainda a mais importante colaboradora do jornal *Violeta* (1878-1879), fundado e dirigido por sua irmã Julieta de Melo Monteiro, e que foi um dos precursores em termos de imprensa feminina no Rio Grande do Sul, pois em suas páginas escreveram apenas mulheres e seu público alvo era o feminino. Ainda em termos de jornalismo, Revocata foi a responsável pela edição de uma mais importantes publicações literário-femininas do Brasil, com a edição do *Corimbo*, editado entre 1883 e 1944, constituindo uma das mais longevas no contexto brasileiro. Tal periódico aceitava a inserção de textos de autoria masculino, mas seu ponto alto era a redação/colaboração da lavra feminina, além de ter servido para a divulgação do ideário feminista.

Ao longo de sua carreira, Revocata Heloísa de Melo foi também uma intelectual-militante, associando sua criação literária com a defesa de determinadas bandeiras de luta. Nessa linha, ela participou ativamente do movimento abolicionista, não só divulgando textos antiescravistas, como também atuando na direção de um clube voltado ao abolicionismo. As causas sociais foram outras com intensa ação da escritora, com a organização de recorrentes campanhas voltadas a atender os desvalidos, principalmente as mulheres necessitadas e sua prole, como foi o caso de sua atuação junto a um clube beneficente que tinha em tal pauta a sua razão de existir. Em termos políticos, após a proclamação da República e da consolidação do regime liderado por Júlio de Castilhos no Rio Grande do Sul, caracterizado por um modelo autoritário, centralizador e personalista e que foi seguido por seu sucessor

Borges de Medeiros, a jornalista adotou uma postura de oposição e resistência à ditadura castilhistaborgista, associando-se ao bloco oposicionista dos federalistas, e promovendo uma campanha libertária contra o regime ditatorial, defendendo as liberdades e direitos individuais. Um dos pontos altos da militância de Revocata de Melo esteve ligado à luta pela emancipação feminina, mormente por meio da ardorosa defesa da educação como meio fundamental para a conquista de um novo papel social para as mulheres. Sua vida jornalística e literária foi extremamente longa, tanto que ela faleceu já nonagenária, em 1944, ainda atuando na direção/edição do *Corimbo*¹.

¹ Sobre Revocata Heloísa de Melo, ver: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1902, v. 7, p. 128.; CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 3.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2006. p. 285 e 313.; COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 564-565.; FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. p. 464.; KRUG, Guilhermina; CARVALHO, Nelly Rezende. *Letras rio-grandenses*. Porto Alegre: Globo, 1935. p. 173.; MACHADO, Antônio Carlos. *Coletânea de poetas sul-rio-grandenses (1834-1951)*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1952. p. 185.; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1978. p. 362.; MELO, Luís Correia de. Subsídios para um dicionário dos intelectuais rio-grandenses. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1944. p. 111.; NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Artext, 1987, t. 2. p. 168-170.; OLIVEIRA, Américo Lopes de; VIANA, Mário Gonçalves. *Dicionário mundial de mulheres notáveis*. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1967. p. 904.; SCHMIDT, Rita Terezinha. Revocata Heloísa de Melo. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 892-902.; e SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário de mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 477-478.; SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1996. p. 43.; SOUZA, Leal de. *A mulher na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro & Maurillo, 1918. p. 72.;

A carreira intelectual exitosa de Revocata refletia também uma vitória sobre toda a resistência que a escrita feminina então sofria. O ato de “escrever, para as mulheres, não foi uma coisa fácil”. Muitas vezes “sua escritura ficava restrita ao domínio privado”, de forma que “publicar era outra coisa” bem mais complexa. Elas tiveram de vencer os preconceitos e “o sarcasmo que acompanha as mulheres”, as quais pretendiam ser autoras, “fronteira de prestígio difícil de ultrapassar, por causa da resistência em aceitá-las como tais”. Houve também “as dificuldades de reconhecimento”, entre os tantos obstáculos “para uma mulher transpor a barreira das letras”. Entretanto, “apesar de tudo, as mulheres transpuseram essa barreira” e, “nos séculos XIX e XX elas conquistaram a literatura”².

Nessa linha, a escrita feminina começa a se espalhar por um quadro mundial em que diversas mulheres tiveram um papel fundamental na afirmação do feminino. Algumas se destacam internacionalmente, outras, no âmbito regional e nacional. Tais escritoras constituem casos que conseguem “impor-se numa sociedade fechada, tradicionalmente patriarcal, capaz de sujeitar o feminino ao foro do privado, num isolamento a que não sobreviveriam

TACQUES, Alzira Freitas. *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*. Porto Alegre: Editora Thurmman, 1956. p. 701-702.; VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense* – autores. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 313.; e VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; Editora e Distribuidora Gaúcha, 1991. p. 152-153.

² PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 97-99.

tantas outras mulheres da sua geração”³. O papel desempenhado por estas mulheres escritoras ganha ainda mais relevância pelo efeito produzido na condição de servirem de exemplo para as demais. Desta maneira, seu “périplo traçado revela a ousadia no ultrapassar de múltiplas barreiras, que às mulheres de Oitocentos estava porventura vedado”. Além disso, “o reconhecimento granjeado” por elas “junto de pares resulta do empenho e esforço empreendidos ao longo da carreira” para a qual se dedicaram. Fica então estabelecida “uma conquista que surgiria aos olhos das mais jovens mulheres”, que passam a tomá-las na condição de “modelo e precursora”⁴.

Algumas conseguem publicar seus textos na forma de livros, ação mais restrita, principalmente por causa dos altos custos. Tendo em vista tal aspecto, os periódicos se tornam os principais propagadores da escrita feminina. Dá-se então o fenômeno pelo qual, “a partir de meados do século XIX, assistiu-se ao surgimento de uma infinidade de jornais e revistas dedicados à mulher e à família”, constituindo um “tipo de imprensa” que “dividiu com a leitura de romances e folhetins a esfera privada e íntima na qual vivia a maior parte do público feminino”⁵.

³ LOUSADA, Isabel. *Adelaide Cabete* (1867-1935). Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género – Presidência do Conselho de Ministros, 2010a. p. 23.

⁴ LOUSADA, Isabel. Carolina: por entre os itinerários da memória e da ciência. In: *Gaudium Sciendi* – Revista da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, n. 2, jul. 2012, p. 111.

⁵ PRIORE, Mary del. *Histórias da gente brasileira*. São Paulo: Leya, 2016. v. 2. p. 9 e 296

Progressivamente, e não sem sacrifícios, as mulheres vão deixando a “antiga situação de objeto de enunciações masculinas, que durante tanto tempo lhe foi atribuído”, para passarem “a ser sujeito que a si mesmo se enuncia”⁶. É o anúncio de uma época em que as “mulheres escritoras” viriam a fazer “parte da sociedade civil e literária” num “nível perfeitamente paritário com os homens”, ou seja, são “mulheres integradas na vida e literatura nacionais, mulheres com uma autonomia intelectual e humana”⁷. Fica também estabelecido um processo mais amplo de transformação, pois, “quando as mulheres se transformam em produtoras de escrita, algo começa a se modificar”, e o próprio “conceito de literatura sofre algumas mutações”⁸.

Além de sua recorrente, múltipla, profícua e longa escritura expressa por meio da imprensa, Revocata Heloísa de Melo também esteve vinculada às lides bibliográficas, tendo elaborado vários projetos ou ainda foram anunciadas várias de suas publicações na condição de no prelo, mas cuja edição definitiva acabaria por não se confirmar. Nessa linha, dentre os livros efetivamente publicados pela escritora estiveram aqueles elaborados a quatro mãos com a irmã Julieta de Melo Monteiro, intitulados *Coração de mãe* (1893) e *Berilos* (1911). A jornada como autora de livros de Revocata foi inaugurada em 1882, com

⁶ MAGALHÃES, Isabel Allegro de. Diferenças sexuais na escrita: ao contrário de Diótima. In: *Actas do Colóquio Escrita de mulheres*. Coimbra, Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra, 2005. p. 21.

⁷ MAGALHÃES, Isabel Allegro de. *O tempo das mulheres: a dimensão temporal na escrita feminina contemporânea*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987. p. 7.

⁸ BESSE, Maria Graciete. *Percursos no feminino*. Lisboa: Ulmeiro, 2001. p. 26.

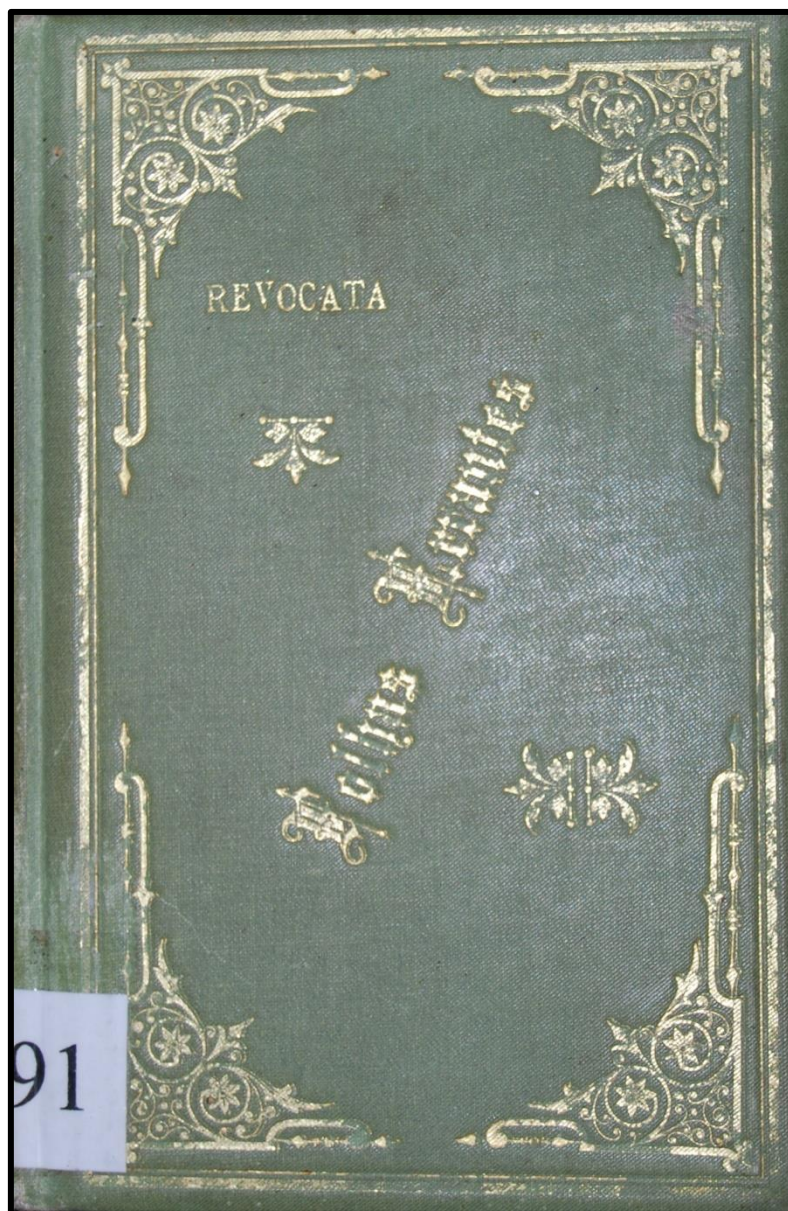
a publicação de *Folhas errantes*. Tal obra é marcada pela arte da criação ficcional e pelas vertentes intelectuais da época, mas também pela conjuntura que cercava a escritora. Naquele início da década de 1880, o mundo era marcado pela ação do imperialismo, com as potências capitalistas disputando entre si o domínio do mercado internacional e digladiam-se por novas posses territoriais, a partir das atividades imperialistas que passavam a fatiar territórios, notadamente na África, na Ásia e na Oceania. No Brasil, o regime monárquico cada vez mais dava sinais dos seus estertores, com o avanço do republicanismo, além do acirramento dos debates em torno do abolicionismo. Em termos sul-rio-grandenses, havia o pleno predomínio do Partido Liberal, com o desgaste dos conservadores, além de estarem sendo lançados os germens do movimento republicano gaúcho, do qual se originaria o castilhismo, contra o qual Revocata viria a se bater ardorosamente. Naqueles anos oitenta dos Oitocentos, ocorreriam avanços técnicos e tecnológicos radicais, mas a humanidade permanecia convivendo com calamidades como a exploração socioeconômica, a fome, a miséria e a guerra, fenômenos que acabariam sendo direta/indiretamente abordados pela escritora.

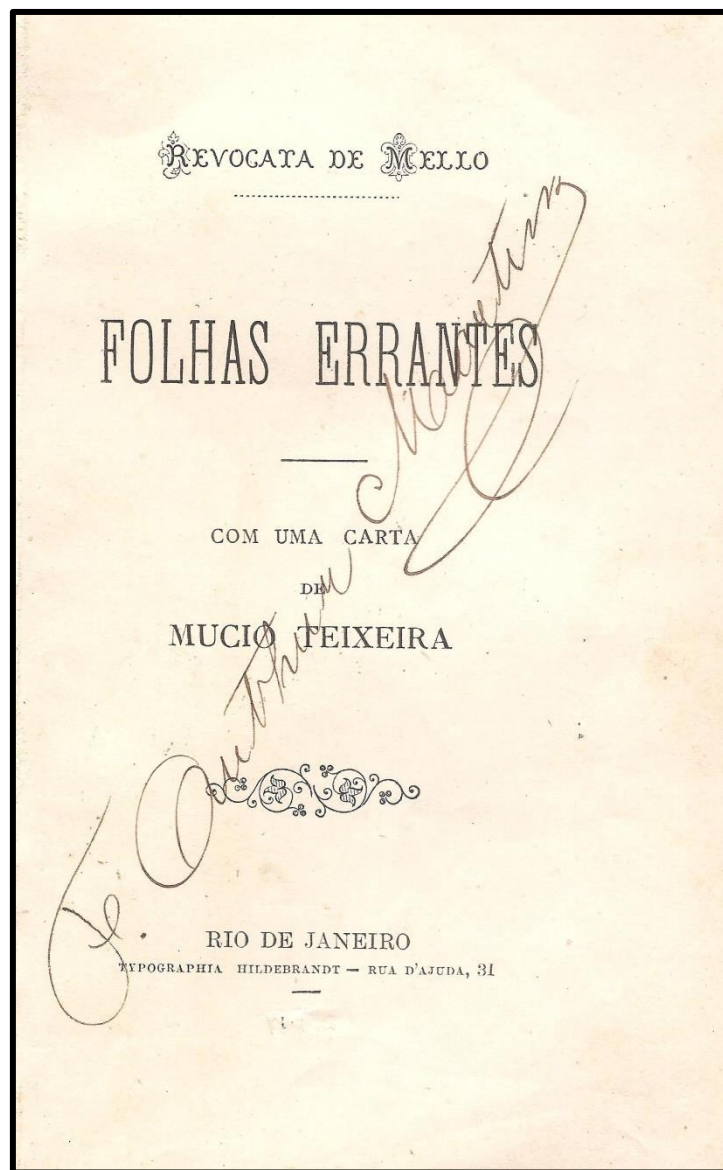
O livro *Folhas errantes* é publicado por Revocata Heloísa de Melo e sua impressão termina a 21 de outubro de 1882, na Tipografia Hildebrandt, no Rio de Janeiro, revelando a necessidade de buscar prestação de serviços gráficos fora da província sulina. A escolha dessa casa editorial pode ter se originado a partir de questões técnicas e/ou financeiras, ou ainda tendo em vista o próprio prestígio da Hildebrandt, a qual publica obras de diversos escritores, bem como

em suas oficinas é impressa a *Revista Ilustrada*, uma das mais importantes publicações caricatas e ilustradas do Brasil do século XIX⁹. Com um total de cento e nove páginas, mesmo que não seja um livro de grandes dimensões – 15 cm X 9,7cm –, *Folhas errantes* guarda certa característica de edição de luxo, uma vez que suas bordas são em tom dourado e sua encadernação original era em capa dura em cor verde – menção às folhas –, com o título e o nome da autora em baixo-relevo também dourado, padrão nem tão usual na maioria das edições de então.

⁹ SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. *Do Brasil Ilustrado (1855-1856) à Revista Ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011. p. 211.

ESCRITA FEMININA NO SUL DO BRASIL: REVOCATA HELOÍSA DE MELO E SUAS FOLHAS
ERRANTES





O título da obra inaugural de Revocata é uma alusão à estação outonal, típica inspiração para a lira literária, em clara referência à tristeza da morte das folhas que, errantes, pairam e voam pelos céus, e, como palavras, ululam lamentosas pelos céus. Além disso, havia outro significado vinculado ao fato de que vários dos textos que faziam parte do livro derivarem da publicação anterior em meio à imprensa, de modo que o seu conteúdo foram espalhado por meio das folhas impressas que compunham os periódicos e se espalharam pelos mais variados lugares, tal qual acontecia com as folhas das árvores. *Folhas errantes* é composto por vinte e dois textos, envolvendo contos e crônicas, dispersos ao longo do livro. Os textos que o compõem são: “Sempre”, “Uma tarde tempestuosa”, “Saudosa”, “Impressões de um canto”, “A música”, “Zulmira”, “Romance de uma noite”, “Crepúsculo”, “Noturno”, “Lúcia”, “Uma luta”, “Interrogação”, “A partida do soldado”, “Três épocas”, “Presságio”, “Lutadores do parnaso”, “O perfume”, “Alda”, “Um monge”, “O moço do gorro negro”, “Uma noite no mar” e “O solitário do mirante”.

Um hábito da autora em seus escritos, a dedicatória em cada um de seus textos, está também presente em *Folhas errantes*. Entre as pessoas a que Revocata de Melo dedica seus textos estão intelectuais reconhecidos como os escritores gaúchos Múcio Teixeira e Francisco Lobo da Costa, ou ainda os jornalistas Adelino Leonidas, Caius Graco, J. A. da Rocha Galo, Fileto Ramos,

Estevam Leão Bourroul, Carlos Ferreira¹⁰. Sua família também se faz presente, com homenagens à Revocata Figueiroa de Melo, sua mãe, aos irmãos, Julieta, João, Otaviano e Romeu, à avó Ana Passos e Figueiroa e ao cunhado, Francisco de Pinto Monteiro. No seio das dedicatórias há ainda nomes sem referência sobre os mesmos, como Amélia Calcagno Cardia, Maria Henriqueta Velho Teixeira, Etelvina Passos, Maria A. Pacheco, A. M. de Vasconcelos e Antônio Mercado.

No que tange a tais dedicatórias, Revocata de Melo faz alguns destaques em “Notas”, publicadas ao final do livro. Em relação a Múcio Teixeira e Lobo da Costa ela esclarece que, “dedicando algumas páginas a estes dois eminentes poetas, verdadeiras glórias de minha querida província” fora “levada, primeiro, pelo sentimento de gratidão àqueles que tantas vezes por meio da imprensa se têm lisonjeiramente ocupado de minha obscura pessoa”, bem como “pela amizade e profunda admiração que lhes voto”. Quanto a Adelino Leonidas e Caius Graco, ela afirma que “são pseudônimos de dois conhecidos escritores, que modestamente assim firmam as suas belas produções”. Revocata diz ser “a ambos credora de profundo reconhecimento pelas provas de apreço dadas aos fracos frutos de minha imaginação”¹¹.

¹⁰ MARTINS, 1978, p. 162-163, 215, 239, 472 e 578-579.; e COUTINHO, Afrânio & SOUSA, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2.ed. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001. p. 337.

¹¹ MELO, Revocata Heloísa de. *Folhas errantes*. Rio de Janeiro: Tipografia Hildebrandt, 1882. p. 105.

Ainda nas “Notas”, a escritora gaúcha destaca que também dedicara alguns de seus textos a Antônio Mercado e Fileto Ramos, enfatizando que não tinha “a subida honra de conhecer estes distintos publicistas, a quem sou imensamente grata, pelas delicadas e lisonjeiras frases com que me surpreenderam” ao tratar “de meus obscuros escritos e defeituosos versos”. Finalmente, também nas “Notas”, traz outro esclarecimento a respeito da pseudonímia por ela adotada, bem como sobre a compilação feita em relação a alguns de seus textos editados anteriormente junto à imprensa gaúcha e incorporados naquela publicação bibliográfica de 1882. Neste sentido, ela afirma que sob o pseudônimo Hermengarda já tinha “publicado em alguns periódicos da província, diversos escritos dos que se acham reunidos neste livro”¹².

Outro recurso utilizado pela escritora gaúcha são as epígrafes que, ao lado de algumas citações das quais lança mão, revelam algumas das leituras da preferência de Revocata. Entre os autores citados por ela destacam-se o dramaturgo inglês William Shakespeare, os escritores franceses M. de Saint-Beuve, Victor Hugo, Alphonse de Lamartine e Joseph Méry; os portugueses Gonçalves Crespo, Pinheiro Chagas, Tomás Ribeiro e Alexandre Herculano; e os brasileiros Castro Alves, Álvares de Azevedo, Múcio Teixeira, Amália Figueiroa, Julieta Monteiro, Revocata Figueiroa de Melo e Carlos Ferreira¹³.

¹² MELO, 1882, p. 106.

¹³ PERDIGÃO, Henrique. *Dicionário universal de literatura*. Barcelos: Portucalense Editora, 1934. 1934, p. 141, 315, 326-327, 339, 367, 453, 455, 512, 541, 547; e MARTINS, 1978, p. 215, 219, 361-362, 375, 578-579

A dedicatória que aparece como uma epígrafe geral à obra é uma homenagem em forma de versos da autora à sua mãe – a poetisa Revocata Figueiroa de Melo:

Minha mãe, tu velaste por meus sonhos,
Por minhas noites de tristonho anseio;
É teu meu livro, meu sacrário d'alma,
Guarda-o para sempre em carinhoso enleio.¹⁴

No espaço do prefácio, *Folhas errantes* é antecedida por uma “Carta” do escritor Múcio Teixeira, convidado por Revocata para realizar a apresentação do livro. Diante do convite, Teixeira afirma que “é por demais lisonjeira e um tanto melindrosa a tarefa” a ele confiada, como “o mais obscuro dos admiradores” da autora. Em seguida, Múcio Teixeira passa a tecer elogios acerca de Revocata de Melo, descrevendo-a como “poetisa jovem e notável, que corre às batalhas do pensamento como vivandeira do ideal” e ainda como “uma clâmide feita de virtude e de mocidade, além dessa beleza vivamente constelada pelas fulgurações de uma fantasia opulenta”¹⁵.

O enfoque panegírico permanece, com novos elogios de Teixeira, ao afirmar que, “à semelhança do químico que ilumina de relâmpagos o seu obscuro laboratório”, Revocata “tem o prestígio de burilar nas *Folhas errantes* do

¹⁴ MELO, 1882, p. v.

¹⁵ MELO, 1882, p. vii-viii.

seu itinerário de viagens fantásticas, todos os eflúvios de um roseiral de envolta com todos os lampejos de uma constelação”. No mesmo sentido, o escritor rio-grandense declara que o “livro é um misto das alegrias medrosas de mil noivas, atordoadas ao rio de mil crianças”, havendo nele “pássaros a voar numa região tão elevada, que a gente pensa que os seus trinos entre as estrelas são estrelas que trinam”¹⁶.

Numa espécie de crítica literária ainda em embrião, normalmente baseada em um tom laudatório, como era bastante comum então, Múcio Teixeira enfatiza que a obra em pauta traz “a revelação de um engenho primoroso, e, mais do que tudo isso, é uma audácia”. O escritor explica que o livro consiste numa “revelação porque descerra os reposteiros da galeria artística do palácio levantino de suas fantasias de moça”, e também, “audácia, porque é uma luva atirada à face do materialismo do nosso tempo”, uma vez que atesta “a robustez da organização sadia que resiste às fortes atrações do *meio* em que elabora”. Nesta reflexão, Teixeira, expõe a perspectiva de que em sua obra *Revocata* refletia também suas vivências¹⁷.

Ao apresentar a obra, Teixeira tece algumas considerações sobre a vida literária de então, afirmando que naquela época existia uma “apatia literária da pátria Ocidental, diante do movimento impulsivo e vigoroso do pensamento moderno”. Segundo ele, a atividade do literato “é consumida em lutas estéreis”, e dela “não resulta nem uma orientação nova para o futuro, nem um alargamento

¹⁶ MELO, 1882, p. x.

¹⁷ MELO, 1882, p. x.

correspondente ao desenvolvimento progressivo de nossas faculdades intelectuais". Sobre as poucas possibilidades de expressão literária de então, Múcio Teixeira destaca que "o jornal é escasso entre nós e o livro quase que não existe", além do que "a ciência é ainda substituída no ensino escolar pela filosofia metafísica, pela crítica pedantesca e pretensiosa", trazendo certa influência do pensamento comtiano¹⁸.

Também em referência aos ideais positivistas daquela época presentes no pensamento de Múcio Teixeira – tanto que uma frase de Augusto Comte serve de epígrafe àquela apresentação – o escritor declara que "é mister abrir novos horizontes à intuição positiva, às aspirações de uma geração impaciente por libertar-se dos velhos preconceitos, moldando-se às exigências de uma nova e mais fecunda vitalidade moral e social"¹⁹.

Já ao final da apresentação, Teixeira reitera que o escritor traz em sua obra a síntese de sua época e de seu lugar, explicando que "o poeta deve ser do seu tempo e muito especialmente de seu país". Nesta linha, busca demarcar o espaço do literato na sociedade, afirmando que "o nosso tempo exige muito do cérebro, mas exige muito mais do coração". Desta forma, detalha que "a sociedade deve progredir, mas a família é a base da sociedade", manifestando a certeza de que não compreende "a família sem o sentimento"²⁰.

¹⁸ MELO, 1882, p. xi-xii.

¹⁹ MELO, 1882, p. xii.

²⁰ MELO, 1882, p. xii-xiii.

Ao concluir sua “Carta”, Múcio Teixeira volta a enaltecer Revocata de Melo, dizendo que, “mais do que a ninguém” a ela “cabe a gloriosa missão de falar à alma nacional pela linguagem divina da poesia”. O escritor rio-grandense encerra fazendo votos de que Revocata “continue a sonhar assim, por esses sonâmbulos do ideal”, os quais “despertam às vezes ao ruído triunfal das apoteoses”²¹. Apesar da abordagem predominantemente encomiástica, a apresentação traçada pelo intelectual gaúcho traz em si um olhar sobre as características da literatura, em especial a sulina, naquele momento, notadamente as dificuldades na publicação de um texto – ainda mais de um livro. Ressalta a inter-relação entre a produção literária e o meio histórico em que ela é elaborada, e o papel da literatura na sociedade de então. Finalmente, revela um reconhecimento intelectual para com a jovem autora de *Folhas errantes*.

O livro lançado por Revocata Heloísa de Melo em 1882, por meio de contos e crônicas, traz uma variada gama de temáticas, algumas das quais viriam a acompanhar toda a sua carreira. Os temas, por vezes, refletem algumas das vivências da própria autora, ao mesmo tempo em que trazem em si alguns das características do próprio pensamento romântico, que também deixa marcas em sua obra. Neste sentido, aparecem como assuntos preferenciais em *Folhas errantes* a morte, a guerra, as interfaces entre o ambiente e a natureza na criação literária, as manifestações artísticas, além de questões comportamentais. A matéria mais recorrente no livro são as relações homem –

²¹ MELO, 1882, p. xii.

mulher, notadamente questões como os encontros e desencontros amorosos, as profundas paixões e as grandes tragédias envoltas em tal temática.

O escrito inaugural de *Folhas errantes* se denomina “Sempre” e envolve a temática familiar e a saudade. O texto revela a melancolia da autora em relação aos tempos da infância, lembrando a “infinita tristeza” trazida a todo aquele que “contempla as recordações da quadra infantil, perdida nas névoas do passado”, trazendo “dolorosa saudade despida de esperança”. Saudosista, Revocata relembra “os dias idos, os folguedos de criança, sempre esmaltados pelo astro da esperança”, considerando a doçura de tal época “na pureza do lar, na suave convivência da família”, na qual “as crenças, os sonhos ridentes desabrocham tão exuberantes de amena seiva”. Diante de tal quadro, a escritora interroga quem deixaria, “ao reler as páginas da infância, de sentir rolar-lhe pela face ardente e angustiosa lágrima e conclui que aquele era um “tempo feliz”, o qual seria o seu “perene sonho” e do qual tinha “uma profunda saudade”²².

As tantas perdas com que sofre e a própria recorrência de tal temática nas composições literárias de então, fazem da morte um assunto de significativa presença em *Folhas errantes*. Assim, a finitude da vida, tão comum na obra de Revocata aparece em “Alda”, narrativa sobre a vida e morte de uma menina. Alda é descrita como “a criança loura que costumava ao cair da tarde assentar-se sob a copa do cinamomo”, mostrando “os seus grandes olhos a fitar o bando de garças e gaivotas”, ficando “muitas vezes horas inteiras com a face pendida

²² MELO, 1882, p. 15-16.

na delicada mãozinha branca". Mas ela transformara-se em "pálida florinha", debruçada "à beira de um túmulo" e "seu olhar profundo e doce, amortecera-se a prematuras névoas do crepúsculo eterno". Como que na passagem de menina a anjo, ela fora "coroada de brancas flores adormecera à sombra da esperança e despertara às portas do empírio" e "suas crenças de donzela como espirais dos altares, subiram aos pés de Deus". O texto era uma homenagem à sobrinha da escritora, falecida muito precocemente e a ela é dedicada a única poesia da lavra da autora alocada no corpo do livro²³.

Em "Um monge" a autora volta à temática da morte, lembrando um "discípulo dos Anchietas e Vieiras" que morrera cedo. O religioso "descansava em singelo ataúde", sob o entoar de "salmos mortuários", acompanhado apenas por seus irmãos, um "grupo de homens cujas fisionomias revelam uma vida despida de esperanças e alegrias". A autora descreve minuciosamente o ambiente funerário, apontado como um "lúgubre quadro", no qual se encontrava "o inanimado corpo de um mancebo pálido e belo; era um filho de Claustro", vestindo "o tristonho burel de monge, representando assim a estátua do sofrimento". Na sua "espaçosa fronte" cingiam "vinte e três pálidas primaveras, desmaiadas ao tíbio sol do desalento, mortas à míngua de benéfico rocío". Como que numa absolvição, Revocata dizia ser "uma injustiça confundi-lo na culpa de voluntária maldade e hipocrisia, visto que a sua missão é sublime e grandiosa"²⁴.

²³ MELO, 1882, p. 72-74.

²⁴ MELO, 1882, p. 75-77.

Associada à morte e trazendo reflexões sobre seus nefastos resultados, a guerra é temática presente na obra de Revocata. Os danos da guerra, tão marcantes nas vidas dos sul-rio-grandenses estão no conto “A partida do soldado” no qual a escritora reflete sobre as sequelas dos tantos confrontos bélicos nos quais o Brasil envolvera-se. No caso, a referência mais evidente é à Guerra do Paraguai, com a qual a autora convivera na passagem da infância à adolescência. O ambiente de guerra é apresentado detalhadamente, com a descrição de que “ao longe, na praça rufavam os tambores, os clarins chamavam à partida e os filhos de Marte corriam a seus postos”. E a narrativa prossegue, abordando um outro lado da guerra, mais voltado aos sentimentos e descendo às minúcias: “à voz da guerra marchavam, abandonando os afagos do lar, os carinhos das mães e esposas, os doces sorrisos das louras criancinhas”, além dos “infinitos poemas que se geram no âmago secreto de muitos corações” e “lá seguiam, coroados de novas esperanças, palpitantes de ardor marcial”. Voltando ao cenário bélico, Revocata destaca que tremulava “altaneiro o pavilhão nacional, cintilavam as espadas e as baionetas, enquanto a voz de mando ecoava pelos ares”²⁵.

Em contraste com a cena de guerra, a escritora refere-se às “lágrimas de desolação” presentes numa “humilde casinha que se desenha à beira da estrada”. Tal lugar é identificado com as plagas gaúchas, pois na “pitoresca vivenda à tardinha passam as embalsamadas brisas do sul”, e nela se ouve “o melancólico canto do tropeiro rompendo o silêncio da madrugada”. A mudança

²⁵ MELO, 1882, p. 57-58.

promovida pela guerra torna-se o fulcro da atenção da autora ao destacar que ali “parece ter passado um gênio de destruição”, pois “o sítio acha-se enlutado, a dor e o desespero substituíram o moço que alegrava essas paragens”. Revocata descreve que ele partira para a guerra, “e agora, assentada ao portal, chora a velha mãe”, que interroga sobre o destino do “filho estremecido”, perguntando “onde foi seu arrimo”. Na mesma linha, “a irmãzinha, com os olhos úmidos de amargurado pranto, acena-lhe um triste adeus”. Com tal texto, a autora incidia sobre um dos temas recorrentes de sua obra, as perdas levadas a efeito a partir dos confrontos bélicos, que tantos homens ceifaram das casas sul-rio-grandenses²⁶.

As belezas da natureza e o ambiente como motivador e objeto da criação literária também se fazem presentes nos escritos de *Folhas errantes*. Na crônica “Uma tarde tempestuosa”, a autora descreve uma transição climática, da tempestade ao bom tempo, referindo-se a um ambiente familiar na cidade litorânea do Rio Grande, tão acostumada aos ventos e chuvas inclementes que tanto assustavam os navegantes e moradores da urbe, ao passo que a escritora não deixa de enxergar poesia em tal ocasião. Ela fala de uma “tormenta ao longe”, cortada pelo “clarão fulvo e fugaz”, dos raios, anunciando “a chuva em raivosas torrentes, impelida por furiosa refrega”. Passada a tempestade, venho, “no azul plácido e sereno, o cambiante refulgir das estrelas” e, “na atmosfera,

²⁶ MELO, 1882, p. 58-59.

boiava a silente poesia das noites estivais”, de modo que “viera a inesperada bonança, após a densa penumbra que tanto poetizara essa saudosa tarde”²⁷.

Os sentimentos articulados com as sensações ambientais, notadamente no que tange a um momento do dia ficam demarcadas em “Crepúsculo”, no qual a autora descreve atenciosamente a transição do dia para a noite, associando-a a questões sentimentais, exaltando os “mundos de recordações saudosas”, trazidas pela “melancólica hora do crepúsculo”. De acordo com Revocata, do fim do dia “ficam as saudades que se abrigam nos desalentos de nossa alma” e “o frio marasmo no peito, após um sonho de esperança que se perdeu na escuridão do espaço”. Mas, em compensação, ela pensa que, do “triste contraste do tranquilo presente” vinha “a doirada esperança do porvir”. Diante disso, a autora declara que ama “a doce hora do crepúsculo”, uma vez que esta “hora augusta e misteriosa”, arrebatava-lhe “às cismas da infância e aos sonhos do passado”²⁸.

As percepções espaciais/ambientais associadas às temporais aparecem na narrativa sobre os três tempos das vivências humanas – pretérito, presente e futuro. Tal tema é abordado pela escritora gaúcha em “Três épocas”, no qual ela procura estabelecer definições, marcadas por certa melancolia, para cada um daqueles períodos. Sobre o passado, ela diz que “é a página solta do livro do coração”, ou “uma folha rasgada, cujos fragmentos o vento do indiferentismo lançou às praias longínquas dos mares do esquecimento”, ou ainda “uma flor esquecida cujas pétalas se dispersaram às lufadas da inconsequência”, como

²⁷ MELO, 1882, p. 17-20.

²⁸ MELO, 1882, p. 43-45.

qual “as efêmeras imaginações não se detém”, por não se importarem com o que já passou. O presente é visto como “a estátua da virgem meiga esperança”, bem como “a constante lembrança daquele que nos ocupa a imaginação”, estando cercado “de tantos suspiros, delírios, saudades e secretos martírios”, e, em síntese, “é amar e esperar”. Finalmente, a autora define “o porvir” como “da glória o sonho desfeito, da harmonia apenas um eco”, ou ainda como “coisa que vista através de um prisma semelhava miríades de brilhantes estrelas”, mas que, “perdida a ilusão, nada mais é que um enxame de pirilampos”²⁹.

O constante contato com as águas é uma das características peculiares dos moradores do Rio Grande, cidade umbilicalmente ligada à sua condição portuária. Revocata Heloísa de Melo não deixa de retratar este ambiente, descrito em “Uma noite no mar”, no qual apresenta a paisagem do movimento de barcos no porto. Ela descreve uma “barquinha que seguia dentre feiticeiro cortejo de esquivas ondinas, cortando essa imponente vastidão, como um pássaro aquático” que roçava “as asas pelas arrendadas espumas”. A paisagem é completada pelas “embarcações ancoradas, brilhantes em seus vermelhos e esverdeados faróis”. O conjunto da descrição, somado à indicação de que era verão pode indicar que se tratava da noite da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, tradicional e histórica procissão realizada a 2 de fevereiro, na qual os barcos atravessam o curso de água entre o Rio Grande e a vizinha São José do Norte. Em tal panorama, a autora apresenta as atitudes dos representantes dos dois sexos, afirmando que “as moças pareciam presas de risonha cisma,

²⁹ MELO, 1882, p. 60-62.

enquanto os mancebos feriam os instrumentos, fazendo soar gemebunda surdina". E concluía declarando que "tudo era belo nessa noite de verão, que tão saudosa lembrança deixou em meu livro da alma"³⁰.

As artes em si, as inspirações e sentimentos que levam à criação não só da poesia, mas também de outros campos artísticos também aparecem em *Folhas errantes*. O canto poético como bálsamo contra a tristeza é dominante em "Impressões de um canto", no qual a narradora pena diante do "gênio fatal do desengano", trazendo "o selo inexorável da fatalidade". Mas tal espaço taciturno era quebrado por uma canção poética, perante a qual a alma da narradora "voava arrebatada nas asas da fantasia, ao enleio daquele suave canto, que jorrava torrentes de poesia celeste nos vastos plainos de meu árido cismar". Diante disso, a alma da narradora, "enternecida com o canto do poeta, esvoaçava entre o céu e a terra", surgindo a possibilidade de que "reflorissem suas ilusões". Tal canto era encarado como o "doirado elo da flórea cadeia" que enlaçaria os "sonhos de moça aos festões de seus amores". Em linguagem figurada, Revocata lembra que, diante das tristezas e amarguras da vida, a poesia poderia servir para mitigar tais males³¹.

Em seguida, na crônica "A música", a autora volta-se a outra arte e os efeitos benéficos que ela poderia trazer à vida. A ideia chave ainda é mostrar o quanto as artes poderiam servir como lenitivo para os males que afligiam a humanidade. Para Revocata, "a música impressiona toda a criatura para quem o

³⁰ MELO, 1882, p. 88-89.

³¹ MELO, 1882, p. 24-29.

sentimento não é uma frase vã”, já que ela “prende, enleva e arrebatada em seus dulcíssimos enlevos”. A escritora revela que ama a música, pois ela “nos acompanha desde o berço infantil até o último marco da vida” e saúda a “doce irmã da poesia” a qual faz “olvidar as dores, falando em torrentes de lirismo às almas apaixonadas”. Em tom exortativo, Revocata de Melo exclama um “Salve” à “formosa peregrina”, afirmando: “Tu és a encantadora sibila: e coroada de gloriosas palmas, passas por nós deixando um rastro de fulgores”³².

Um debate sobre os rumos da poesia é a proposta da autora em “Lutadores do parnaso”, texto dividido em duas partes. Na primeira, o poeta se vê próximo de sua “companheira inseparável, uma virgem de laureis coroada, dedilhado engrinaldada lira”. A inspiração poética beija “a sonhadora fronte do visionário idealista”, enquanto “em derredor do templo, passam os vultos dos grandes e gloriosos pensadores de todas as nações, a render-lhe seu preito”. Já a segunda parte traz a figura de um cavalheiro, “espada em punho” e com o peito carregado de “inveja cruel”, que, diante de “um turbilhão de sombras”, se depara com “o vulto do impossível a bradar-lhe: ‘Volve, ó Realismo, em vão tentas subir da poesia ao templo, onde ufano reinará eterno o imortal Lirismo!’”³³.

Expressando um gosto pessoal e associando-o à arte e a questões comportamentais, Revocata de Melo escreve a crônica “O perfume”, considerando tal essência como algo “atraente, doce e significativo”, bem como o “mágico distintivo de todas as pessoas de espírito”, ou ainda como o “ímã que

³² MELO, 1882, p. 30-32.

³³ MELO, 1882, p. 66-68.

seduz em todos os tempos e a todas as nações". A autora descreve o gosto pelas fragrâncias em várias épocas e lugares diferentes e revela que "o perfume fala docemente à alma", enfatizando que "as mais belas e célebres mulheres que têm existido, anunciavam-se a seus adoradores pelo aroma de que usavam com preferência", distinguindo-as "como se fora por uma encantadora auréola". Ao fazer referência ao fenecimento, a escritora lembra que o gosto pelos perfumes poderia estender-se além da vida, ao invocar que permitisse "o céu que um dia, quando minha fronte sentir-se repousar na argila da morte, esparzam-lhe perfumes, cercando-a de odorosas flores"³⁴.

Os sentimentos afloram em "Saudosa", que apresenta o pranto de uma moça, identificada apenas por "*ela*" que, "pálida e tristonha", lamenta a partida do ser amado e deseja que ele ainda guarde lembranças dela. Descrevendo um ambiente que muito lembrava o arenoso litoral rio-grandino, Revocata dizia que, "além, nas orlas da praia, espreguiçavam-se as vagas, beijando o quedo areal, enquanto *ela* suspirava, tendo a alma trucidada pela saudade eternal". Lançando mão da figura shakespeariana, a autora faz menção à "pálida imagem" do "poético Romeu", que poderia ter sido separado de sua amada pela fatalidade, diante do que "*ela*" também imagina sucumbir, dormindo "o sono sem fim". A incerteza fica no ar quanto ao destino dos amantes, mas a tristeza aparece como determinante, pois "*ela*" continua a murmurar, "melancólica e chorosa, fitando no firmamento linda estrela luminosa"³⁵.

³⁴ MELO, 1882, p. 69-71.

³⁵ MELO, 1882, p. 21-23.

As tantas faces de relacionamentos sentimentais são verdadeira tônica de *Folhas errantes*. As relações apaixonadas entre homem e mulher vêm à tona em “Zulmira”. A protagonista é descrita como uma moça extremamente formosa que, “engolfada num turbilhão de quimeras ou loucas utopias, atravessava a espinhosa senda que chamamos vida”. Um dia, Zulmira encontra o outro personagem, nomeado apenas como “*ele*”, o qual era “tão belo, como o lúcido ideal de suas criações de donzela”, vindo ela a amá-lo, “como Julieta a Romeu, o sonhador”, em nova referência ao casal shakespeariano. Ela sonha como o novo amor, mas “foi tudo uma simples ilusão” e o tom trágico vem ao final da história, com a morte da protagonista, tal qual “a flor que desabrocha pela manhã e à tardinha deixa cair as pétalas ainda impregnadas de suave aroma”. Mas a tristeza também seria o destino para “*ele*”, que passa a divagar “pelas sombras da noite, em busca de perdão”³⁶.

A tragédia nas relações a dois também está presente em “Romance de uma noite” que descreve o encontro de olhares entre uma moça e um rapaz no “babilônico recinto” de um teatro lotado, carregado pelo “burburinho nuncio das multidões”. Ela, mesmo à distância, apaixona-se por ele, mas, surpreendentemente o rapaz sucumbe “a um aneurisma do coração”. A desilusão passa a dominar o ambiente, pois “o hórrido sopro da morte” derrubara “um flóreo tronco e com ele a tribo de quimeras e aspirações que ainda há pouco esvoaçara ali”. Revocata traz em seu escrito as paixões fulminantes e os trágicos términos – no caso de algo que sequer começara –, tão

³⁶ MELO, 1882, p. 33-35.

típicos de tantos textos literários. O arremate acontece com a moça encontrando flores no lugar onde o rapaz morrera, seguindo-se a descrição de que “a desgraçada donzela vira-o, amara-o e perdera-o nessa fatídica noite, e o seu sentimental romance legara-lhe apenas aquelas flores”, as quais passaram “do peito de um morto para a sua carteira de confidências”³⁷.

Os desencontros amorosos aparecem ainda em “Noturno”, no qual a narradora descreve o que poderia ser um típico dia invernosso na sulina Rio Grande, ambientando o texto “em uma sombria tarde de agosto”, na qual “as densas camadas de neblina caíam lentas, desdobrando espessa cortina”, enquanto “o sopro glacial do vento rijo do norte sibilava impetuoso” e “algumas gotas de água principiavam a desprender-se da borrascosa atmosfera”, aproximando-se “o surdo eco do horrído trovão”. Era o cenário para que a narradora encontrasse um homem “sombrio e tétrico, qual outro Hamlet” – em outra inspiração shakespeariana – que tinha “cabelos revoltos e o rosto iluminado por agitação febril”. O vulto lembrava o viajante gaúcho que se deslocava pelos pampas, vindo “envolto em uma longa capa, e as botas cobertas pela poeira das estradas”, atestando que havia “chegado de alguma jornada”. Mas a desilusão predomina novamente, pois aquele furtivo encontro só se repetiria mais uma vez, restando depois dele apenas a solidão³⁸.

“Lúcia” traz também as desilusões amorosas, descrevendo a protagonista como uma moça “linda como as virgens dos quadros de Rafael e pura como o

³⁷ MELO, 1882, p. 36-42.

³⁸ MELO, 1882, p. 46-48.

seio de uma rosa branca”, mas que, tal qual seu “nome merencório e saudoso como a derradeira nota do entristecido hino do extirpar do dia”, tinha “o olhar repassado de suave tristeza” e um “pálido semblante” marcado por “doce melancolia”. Segundo a narrativa, Lúcia um dia despertou e amou muito, mas aquilo durou apenas uma manhã, vindo em seguida a tragédia. A autora compara a breve vida da moça com as flores, dizendo que ela desabrochou “ao alvorecer da adolescência, e no sepulcro esfolhou as primeiras flores da mocidade”, e, “como as perfumosas *boas-noites*, sorriu ao aproximar-se das sombras do crepúsculo”, até que “pressentiu os gelos do desalento e foi cândida e formosa abrigar-se aos pés de Deus”, e “seu túmulo jaz solitário, debruçado à beira-mar”³⁹.

A procura do amor impossível é o tema de “Uma luta”, texto em que aparece uma figura feminina em busca de alguém que “foi um poema infinito, peregrina cantilena eternamente ecoada no seio de profunda floresta”. Diante da morte do pretendente, ela “empalidecida percorre a vastidão dos mares, fita os longos páramos azuis, mas embalde não o vê”, ficando “louca, delirante como o gênio da desesperação”, evocando-o “a todas as horas e em todos os lugares”. Sem deixar de lembrar algum detalhe do lugar onde morava, no caso um vento típico da região sulina, a autora cita que aquela procura se estendia às “noites tempestuosas, ao rouco bramir de ríspido pampeiro, através de rubros fuzis”. E a busca era infinita pois, “quer desperte a estrela Vésper, quer descambe o sol no

³⁹ MELO, 1882, p. 49-51.

ocidente, ela prossegue sempre”, em clara alusão ao amor eterno, mesmo que inviável⁴⁰.

Os laços sentimentais refreados pela morte são o mote de “Interrogação” que apresenta uma narradora e seu amado Eurico. Mais uma vez há uma alusão a Shakespeare, pois Eurico era descrito como alguém que tinha “o olhar inspirado, expressivo, iluminado, como embebido na fé”, entretanto, “no palor do semblante, na desordem dos cabelos” era semelhante a “um Hamlet”. A base do conto está na promessa pela qual ela pede a Eurico que, no caso da sua morte, ele continuaria a sonhar com ela, contando com a aquiescência do amado. Perante tal garantia, do além-túmulo, refletindo a perspectiva da possibilidade do amor que ultrapassa as fronteiras da morte, ela faz a cobrança: “E agora, que a noite é linda, e o jasmineiro vacila beijado pelo luar; pergunto se te esqueceste dessa promessa, firmada ali à beira do mar?”⁴¹.

As relações românticas e os desencontros amorosos se fazem presentes em “Presságio”, no qual Revocata de Melo lança mão dos personagens do medievo Heloísa e Abelardo e dos protagonistas do romance *Paulo e Virgínia* do escritor e naturalista francês Jacques-Henri Bernardin de Saint-Pierre⁴². Ambientando os dois casais em cenários paralelos, a escritora encontra o ponto de interseção nos graves obstáculos interpostos ao amor. Sobre a separação, momento fundamental no desenvolvimento do texto, ela afirma que no “adeus

⁴⁰ MELO, 1882, p. 52-54.

⁴¹ MELO, 1882, p. 55-56.

⁴² PERDIGÃO, 1934, p. 249.

da despedida” muitas páginas “do livro do coração se despedaçam nessa hora”, na qual era sentida “a dor da ausência” a trucidar “as fibras da alma”⁴³.

Os amores considerados impossíveis são mais uma vez tema da escrita de Revocata em “O moço do gorro negro”. Como em outros textos, os personagens não apresentam nomes e a protagonista-narradora conta que, aos quinze anos, quando vacilava “entre os folguedos infantis e as rosas literárias”, havia se enamorado de um rapaz que morava na casa vizinha e era observado por ela diariamente, através da janela de seu gabinete. Ela descreve o alvo de seus sentimentos como um “belo moço, pálido, dessa palidez que diviniza a fala às almas sentimentais”. Ele “usava um lindo gorro de veludo negro, que sobre a alvura da espaçosa fronte formava um belo contraste”. O “todo” que ela via na residência fronteira era apontado como tendo “um quê de melancolia e poético”. A admiração cresce de dia para dia e vai se transformando em agonia, à medida que não há qualquer correspondência de parte do “moço do gorro negro”⁴⁴.

Os desencontros sentimentais continuam a marcar o conto, e, diante da falta de resposta do moço, a protagonista busca a aproximação com a mãe do rapaz, obtendo êxito em sua investida, até que finalmente é convidada à casa dos vizinhos. No momento em que finalmente eles se encontram, ocorre a virada da história, quando ela descobre que o moço é cego. Apesar da constatação de que ele, “visto de perto, era mil vezes mais interessante” e que não deixasse de fitá-lo, ao invés do crescimento da admiração, dá-se o oposto e

⁴³ MELO, 1882, p. 63-65.

⁴⁴ MELO, 1882, p. 78-81.

ela revela ver “sua alma soluçar pela sua desgraça e pelo fenecer de minha primeira ilusão”. Diante disso, a narradora conclui que não valeria a pena “um amor sem esperança” e, depois de muito chorar, resolve não voltar mais à janela de seu gabinete, fazendo “ali o túmulo em que jazia tão triste amor”. Ela ainda viria a mudar-se até nunca mais ter sequer uma notícia do moço do gorro negro. Ainda que a tônica do texto fossem as desesperanças amorosas, é importante ressaltar que a protagonista informa ao início que estudava francês, revelando um ponto de inflexão do pensamento de Revocata de Melo. Além disso tratava-se de uma jovem de apenas quinze anos que estabelece uma série de iniciativas em busca de seus intentos, demonstrando um tipo feminino diferenciado em relação aos padrões então predominantes⁴⁵.

As melancolias das relações sentimentais marcam, ao lado de outros condicionantes como a morte e a guerra, o conto intitulado “O solitário do mirante”, que encerra *Folhas errantes*. Após a descrição do ambiente no qual se passa a narrativa, a protagonista/narradora relata sua “ardente simpatia” por “um moço de luto” que habitava “o mirante de uma casa que ficava à margem fronteira” daquela para a qual ele se mudara recentemente. O rapaz é descrito como portador de uma “fisionomia, mais que triste, sombria”, de uma “extrema palidez”, com “os olhos mórbidos, pisados e com as pálpebras roxeadas” e “um imperceptível sorriso irônico”, parecendo estar “envolto em profunda tristeza”. A

⁴⁵ MELO, 1882, p. 81-87.

autora outra vez lança mão da imagem shakespeariana, informando que aquela “sombria figura fazia lembrar Hamlet”⁴⁶.

A protagonista explica que tentara obter mais informações sobre o vizinho, mas não conseguindo descobrir o seu nome, pois era conhecido apenas como “*Solitário do mirante*”. Mais um difícil amor se anuncia no texto, quando a protagonista diz ter conhecido Graziela, vizinha que lhe contou sobre “o amor que nutria pelo belo solitário”, de modo que esta moça tinha “um viver árido e desalentado”, estando infeliz por não receber “sequer um olhar, ou um sorriso, em troca de tanto amor”. A trama prossegue até que Graziela resolve contar “a história do belo desconhecido”, revelando que “aquele moço chama-se Mário” e de sua infância soubera apenas que ele perdera sua mãe aos cinco anos, passando a contar com os cuidados do “pai, terno e solícito”, que velou pelo jovem⁴⁷.

A tristeza de Mário começa a ser explicada pelo fato de, além de ter perdido a mãe, também fica órfão de pai, pois seu progenitor, “como dever de militar, teve de deixar o filho querido para combater pela pátria” na Guerra contra o Paraguai. As tragédias familiares trazidas pelas guerras, um dos temas que conta com predileção nos textos de Revocata, mais uma vez se verificam, pois na “Batalha de 24 de Maio, esse bravo terminou sua existência”, anunciado a morte do pai de Mário na Batalha Naval do Tuiuti, uma das mais importantes do conflito contra os paraguaios. O rapaz passa aos cuidados de um padrinho

⁴⁶ MELO, 1882, p. 90-92.

⁴⁷ MELO, 1882, p. 92-94.

que o “mandou estudar na academia de São Paulo”, na qual se entregou “com ardor a seus estudos”, sem tempo para divertimentos ou distrações⁴⁸.

Além da dedicação única aos estudos, Mário se dizia feliz, “pois tinha o coração isento de amor” e, portanto “era livre”, afirmando “que jamais amaria, porque o verdadeiro amor quase sempre nos torna vítimas de provações amargas e dolorosos martírios”. Entretanto o destino colocaria Helena no seu caminho, ela era “a mais linda moça de São Paulo, e talvez a mais instruída e inteligente”. Mário perdera sua liberdade e “agora sentia-se preso e talvez para sempre”, de modo que “grande metamorfose se operara em seu tranquilo viver”, pois, “desvairado, seguia a estrela radiante que o guiava”. A mudança fora movida pelo sentimento, já que “ele amava verdadeiramente”, encontrando-se iludido “com encantadas esperanças de um futuro de rosas”⁴⁹.

O romance parecia ter tudo para dar certo, uma vez que “ambos, inspirados pela luz do talento, compreendiam-se como duas criaturas divinas”. Namoraram por dois anos e já estavam com o casamento marcado para quando ele se formasse. Mas, como era tão comum nos textos da escritora gaúcha, o sentimento viria a incidir em tragédia, de maneira que “a fatalidade veio sombrear a felicidade de Mário”. A história contada por Revocata refletia uma situação muito comum no Brasil e no Rio Grande do Sul daquela época, constantemente assolados pelas pestes que arrancavam muitas vidas, notadamente em cidades portuárias. Assim, uma “terrível epidemia que então

⁴⁸ MELO, 1882, p. 94-95.

⁴⁹ MELO, 1882, p. 95-97.

reinava, arrastando consigo centenares de vítimas, veio ferir de morte a desditosa Helena". A "ciência foi inútil" para salvá-la e Mário acompanhou todo o seu sofrimento, até receber o último adeus, acompanhado de uma rosa por lembrança⁵⁰.

O ambiente rio-grandense era normalmente um cenário preferido nas obras de Revocata, de modo que Mário, após jurar "eterna fidelidade" junto à sepultura de Helena, "no dia seguinte embarcou para o sul" e, lá chegando, "alugou aquele mirante, e ali tem vivido, nessa solidão, que casa com a de sua alma". Mas a perda fora tamanha, de modo que "os médicos dão a Mário bem limitada existência", estando em "tresvario de amor". E a previsão se confirmaria ao final do conto, quando há a descoberta de que "o poeta que habitava aquele mirante expirou", em "uma síncope tal, que quando chegaram para socorrê-lo, já não existia". Mário é apontado como "mais um mártir de amor", já que "foi sempre constante a lembrança de sua noiva", pois a rosa que recebera de Helena, agora seca, acompanhou-o até os derradeiros instantes. Mais uma vez a fatalidade e o amor eterno se entrecruzaram nos escritos de Revocata de Melo⁵¹.

Em *Folhas errantes* há "narrativas introspectivas e contemplativas, de fundo romântico", envolvendo aspectos como "o voo da alma, a fantasia, o desejo", nos quais "o fio da subjetividade se desenleia numa torrente de ideias associativas a partir de um motivo ou tema". Aparecem também "narrativas

⁵⁰ MELO, 1882, p. 98-99.

⁵¹ MELO, 1882, p. 98-103.

ficcionais com enredos simples, na sua maioria emoldurados por um tom sombrio”, o qual “sustenta situações dramáticas concebidas sob o signo de um romantismo exacerbado”. Em tais narrativas, muitas vezes, o amor encontra-se associado à fatalidade⁵².

Nessa linha, vários dos textos de *Folhas errantes* “convergem para os tópicos comuns – o amor idealizado, a solidão e a morte – apresentando elementos que desvelam os ‘chavões’ românticos da época”. A autora apresenta “um universo permeado pela dor e sofrimento, filtrado numa linguagem descritiva carregada de efeitos plásticos responsáveis por uma ambiência soturna”, a qual “projeta a dimensão interior de uma subjetividade marcada pela desilusão”⁵³. Dessa maneira, em tal livro, aparece uma jovem Revocata, ainda profundamente embebida nas inspirações românticas, mas já deixando que fossem vislumbrados alguns de seus olhares sobre o mundo que a rodeia.

⁵² SCHMIDT, 2000, p. 896.

⁵³ SCHMIDT, 2000, p. 896.

A ESCRITURA – *FOLHAS ERRANTES*

I – SEMPRE

À minha boa mãe

Oh les doucerus de la famille.
(M. de Saint-Beuve)

Bem como a rósea nuvem sumida além, nas sombras crepusculares, deixa sempre um quê de infinita tristeza, ou merencória cisma àquele que a contempla, também as recordações da quadra infantil, perdida nas névoas do passado, trazem-nos dolorosa saudade despida de esperança!

Os dias idos, os folguedos de criança, sempre esmaltados pelo astro da esperança, são tão doces, meu Deus, ali na pureza do lar, na suave convivência da família, onde as crenças, os sonhos ridentes desabrocham tão exuberantes de amena seiva!... Quem, ao reler as páginas da infância, deixará de sentir rolar-lhe pela face ardente e angustiosa lágrima?

Oh! tempo feliz, serás o meu perene sonho: - a ti uma profunda saudade!

II – UMA TARDE TEMPESTUOSA

À minha irmã Julieta M. Monteiro

Tout fui, tout passe.
(V. Hugo)

A tormenta ululava ao longe...

Ressoavam as vozes dos elementos, num fragor vertiginoso; a atmosfera, povoada de negros e pesados vapores, refletia sobre a face da terra um sombrio painel; de quando em quando uma fita sulfúrea, rompendo o espaço, lançava um clarão fulvo e fugaz; e de novo emergia num abismo de trevas.

A chuva, em raivosas torrentes, impelida por furiosa refrega, vinha em tremendas catadupas açoitar fortemente as vidraças que estremeciam ao poderoso choque; e nos braços da tempestade expirava a tarde, langue, empalecida e medrosa, em como a tênue e frouxa claridade, que aos poucos extingue-se sob a sombra infinita.

*

Na sala, um não sei quê de místico, indizível e ignoto, desdobrava um véu de melancólica poesia; parecia que um mágico condão tocara aquele recinto.

No ambiente vagava um perfume desconhecido, doce e atraente, igual àquele de que nos fala Castro Alves: que por si só importa um poema do coração.

Aqui e ali, as luxuriantes moitas de verduras, debruçadas dos *consoles* e cantoneira, quedas escutavam a solene desordem da natureza; as flores, algumas pálidas, deitavam a fronte no frito *bacará* das doiradas jarras; outras, rubras, alteavam-se como inflamadas pela cólera, e prestes a soltar um grito de revolta.

O aproximar das sombras do crepúsculo, confundindo seus negrores com a tempestade, apagava o revérbero deslumbrante dos espelhos e dos cambiantes cristais.

... Assim, de súbito também desaparecera a nuvem de riso e luzes, que há pouco pairava ali...

*

De pé junto de uma janela, divisava-se um grupo, surpreso espectador desse grandioso espetáculo: não sei o que se passava então, porém das expressivas fisionomias caíam sobre o lusco-fusco as fagulhas que acende a inspiração.

Oh! eu quisera, como as antigas pitonisas, poder nesse momento desvendar os arcanos dessas almas de poeta! mas, baldado empenho; apenas; um pouco afastada, eu os fitava – querendo adivinhar-lhes as impressões!

*

Depois viera a noite, mas em sua fuga a borracha deixara, no azul plácido e sereno, o cambiante refulgir das estrelas.

Ao longo faziam-se ouvir os sons triunfantes de uma arrebatadora orquestra.

Na atmosfera – boiava a silente poesia das noites estivais.

Na sala vovera a rósea falena dos risos, cruzavam-se as vozes que animadas percorriam o ambiente, as flores, sentindo-se doiradas pelas luzes, ridentes incensavam o éter que as cercava; e um bando de fantasias ardentes e vaporosas aninhava-se num leito de esperanças!

Assim viera a inesperada bonança, após a densa penumbra que tanto poetizara essa saudosa tarde.

III – SAUDOSA

A Múcio Teixeira

Ela cisma ao luar: todo o passado
A seus olhos avulta, iluminado
Pelos dúbios reflexos da tristeza...
(G. Crespo - *Miniaturas*)

Era ao cair do crepúsculo: hora mística e divina, em que a alma se abandona às saudades dessa quadra em que sonhamos amor; hora de infinda poesia, em que um painel de tristeza se destaca dentre as sombras, que lentamente se estendem, desdobrando nos espaços um manto de plúmbea cor!...

De pé, junto da janela que deita para o jardim, *ela* – pálida e tristonha, - apertava as frias mãos, murmurando entre soluços: - "Sim, eu hei de amar-te sempre! Por Deus, lembra-te de mim!"

No campanário vizinho soava grave e plangente a voz das Ave- Marias; e a moça, pensando *nele*, rezava – pedindo à Virgem que velasse por seus dias.

*

Além, nas orlas da praia, espreguiçavam-se as vagas, beijando o quedo areal; enquanto *ela* suspirava, tendo a alma trucidada pela saudade eternal!

*

Passavam noturnos euros, farfalhando na folhagem das virentes trepadeiras; e as flores do jasmineiro, desprendiam-se uma a uma, impelidas pelas auras que perpassavam ligeiras.

*

Rompendo um véu nebuloso, surgiam palentes raios de baço e triste luar, e a voz perdida dos ecos, trazia os sons de uma flauta, talvez vibrada no mar...

*

“Ah!” murmurava a donzela, “como tudo vem falar-me desses rápidos momentos que passava junto *dele*, quando, ouvindo suas falas, sentia-me embevecida num sonho de áureo fulgor: quando a luz de seus olhares deslumbrava o meu futuro, de esperança e santo amor!

*

Que é de ti, pálida imagem, ó poético Romeu?... Acaso – ao sopro da ausência – nosso afeto feneceu?

*

“Não sei que fatalidade nos separou, não é? sim, tenho medo, sou tão frágil; talvez que quando voltares – eu durma o sono sem fim!”

*

Assim murmurava *ela*, melancólica e chorosa, fitando no firmamento linda estrela luminosa.

IV – IMPRESSÕES DE UM CANTO

Ao meu cunhado Pinto Monteiro

E eu contemplava embevecido em estase!
A lua, a vigem de fulgente manto!
Cismava! Ao longe o harmonioso canto
Tu desprendeste e na amplidão vibrou.
(P. Chagas)

Era pelas horas mortas de uma merencória noite de luar.

Encostada ao peitoril da janela de minha solitária alcova, deixava o pensamento – qual branca vela – voar pelas amplidões do porvir, tentando romper os densos nevoeiros da noite hibernal, que além diviso...

Turbilhões de reminiscências saudosas caíam em catadupas sobre os gelos de minha alma.

O gênio fatal do desengano adejava em torno de mim, buscando gravar na minha fronte enfebreçada, o selo inexorável da fatalidade!

E eu cismava, cismava... cismava no sonhado ideal, *naquele* que a meus olhos implorasse um olhar, que traduzisse a funda crença de minha alma; naquele que colhesse de meus lábios nos sorrisos jubilosos, como em flor de miosótis, uma prece de amor, cândida e pura; naquele que sorvesse as gotas de

meu pranto, para achar dentro em sua alma, como em ebúrnea concha do Oriente, tesouro que seu peito aquilatasse.

Assim, em santo êxtase, divagavam minhas crenças, quando místico canto veio tirar-me desse mundo de quimeras e ilusões...

Quebrava o silêncio da noite o plangente e tristíssimo canto, que da *Lucia de Lammermoor* sobre a tumba, o amante em delírio soluçara.

A vaga, como um eco sublime de saudade, caía suave e langorosa sobre o deserto e quedo areal.

Um som ignoto, místico e divino, através dos páramos desertos e sombrios, vinha casar-se ao mavioso canto.

Fantásticos luzeiros desciam sobre a terra.

O imenso círio que as noites ilumina, levava seus baços raios ao cemitério; e a vaga sombra que o cipreste projetava, refletia impiedosa pávidos sonhos sobre a mente aflita.

Das pálidas rosas sobre o seio, tombava o doce pranto dos arcanjos; e o mesmo lírio das florestas dobrava a coma cândida e olente, sobre o colo palpitante da selva.

Minha alma voava, voava... voava arrebatada nas asas da fantasia, ao enleio daquele suave canto, que jorrava torrentes de poesia celeste nos vastos plainos de meu árido cismar!...

Súbito, mágico cansaço tolheu-me os membros; encostei a fronte ao peitoril da janela, depois não sei o que se passou em mim; mão de ferro passava-me sobre o coração, a respiração faltava-me: eu via em redor esvoaçarem tétricas sombras, desdobrando um fúnebre painel ante meus olhos!...

O noturno brandão, ainda com seus pálidos raios prateava as brancas lousas; de espaço a espaço, o estrídulo férreo de agoureira ave ia juntar-se aos gemidos da brisa que carpia na folhagem dos álamos e salgueiro.

Mão ignota me impelia, convulsa; seguia as áleas da cidade mortuária, cismando lacrimosa sobre a sorte de Lúcia *sventurata*.

Minha alma, enternecida com o canto do poeta, esvoaçava entre o céu e a terra!

Assim vagava, quando o cansaço me prostrou; fui cair sobre a alfombra que viçava junto de um túmulo, em cuja face um anjo marmóreo de asas doiradas, apontavam o lugar onde o justo encontra a recompensa do martírio.

Sobre as parasitas, que enlaçavam uma coluna, pousei minha fronte abrasada...

E depois?

Não sei.

Longo tempo correu; eu estava gélida, lívida e pávida; ósseas mãos pesavam nos meus ombros; fundo delíquio o meu ser todo obumbrava...

Quando acordei dessa profunda letargia, já a aurora vinha rompendo, linda e graciosa, como os rosados sonhos da infância!

O sol levantava-se imponente de seu leito de púrpuras chamejantes; as pálidas nuvens, que corriam no espaço, enrubesciam aos primeiros beijos da luz.

Os voláteis cantores cruzavam seus rápidos voos, soltando cadentes e festivos hinos à ridente madrugada; e as flores desabrochavam ao contato do orvalho vespertino entornando ondas de odorosas essências do perfume cálix que embalsamava as brisas do céu!

Além, em esmeraldino lago, duas alvas garças espanejavam-se descuidosas, os bandos de falenas perpassavam entre as flores, beijando-lhes a perfumosa corola.

Tudo sorria nessa linda manhã de primavera: só minha alma suspirava sob a impressão do canto dolente...

Ah! se eu adivinhasse quem era o divo canto, que tanto me enternecera com sua voz repassada de suave tristeza... amá-lo-ia – assim como amei as sentidas notas de seu canto!

Então, talvez reflorissem minhas ilusões!

Seria *e/e*, o doirado elo da flórea cadeia que enlaçasse meus sonhos de moça aos festões de seus amores!

Ah! como eu seria feliz... como o meu anjo da guarda o abençoaria!...

V – A MÚSICA

A Francisco Lobo da Costa

Tem na minha alma um eco...
Assim também no templo
Tem no mundo moral a precursão que vibra
Dentro da consciência – essa argentina fibra
Do alaúde da alma – harpa do sentimento
Vibrando dentro em nós momento por momento.
(Múcio Teixeira – *Prismas e vibrações*)

A música impressiona toda a criatura para quem o – sentimento – não é uma frase vã; prende, enleva e arrebatada em seus dulcíssimos enlevos!

Quem há aí que possa sem comoção, sem entusiasmo de alma, sem uma embriagadora impressão, ouvir esses sons do céu, banhados de indelével melodia?

Quer nos vejamos embalados por esse conjunto de doces harmonias, como sejam sublimes inspirações de Weber, Beethoven, Schubert, esses grandiosos cultores da divina música alemã; ou as imortais composições do pranteado canto da Sicília, o mavioso Bellini; de Rossini, o gênio desabrochado à voz da barcarola, sobre o decantado golfo italiano; além da música dramática, a diletta de Auber, Greta, Sulby, esses nomes que a França glorifica em seus florões a música é sempre a bela, encantadora e formosa filha do céu!...

Não falo dessa música chula, das polcas ou habaneras, executadas apenas para servir de passatempo; sons que se vão com o vórtice da dança, sem encontrar eco em nossos corações.

Falo da música eu nos adormece em vaporosas cismas, a música dessas óperas, cujas execuções, prendendo-nos o espírito, trazem total esquecimento dos objetos que nos rodeiam para só vermos o executor em meio desse turbilhão de flores artísticas!.

.....

Amo a m´sucia, ela que nos acompanha desde o berço infantil até o último marco da vida!

Alegre, ruidosa, verdadeira núncia de festa, quando preside aos batizados, casamentos ou aniversários, cujas datas são inquebrantáveis elos dessa cadeia de recordações, que tanto importa ao amor da família.

Plangente, soturna e fúnebre, quando sob um véu de crepe soluça em funeral doridas notas, que a unidas a salmos mortuários ecoam tristemente no tredo silêncio de lutuoso templo!

Ah, como eu te amo, ó música! inspiração intérprete dos anjos; e porque vagas tu na terra, enquanto eles adejam no céu?

Doce irmã da poesia, tu fazes olvidar as dores, falando em torrentes de lirismo às almas apaixonadas.

Salve! Salve! Formosa peregrina!

Tu és encantadora sibila: e coroada de gloriosas palmas, passas por nós deixando um rastro de fulgores.

VI – ZULMIRA

À Amélia Calcagno Cardia

Mucha pena verdad? mucha amargura
Guardaba ala em sus senos escondida
A despedir-se el alma dolorida,
Hijo de su carino y su ternura.
(Romeu)

Zulmira era formosa como as madonas de Guido; certamente Buonarrotte, o estatuário florentino, não lhe teria dado um perfil mais artisticamente belo.

Os olhos suavemente banhados de doce languidez eram dois diamantes ocultos na penumbra dos negros cílios.

Engolfada num turbilhão de quimeras ou loucas utopias, atravessava a espinhosa senda que chamamos vida.

*

Um dia, *e/e* – tão belo – como o lúcido ideal de suas criações de donzela, passou em seu caminho, e talvez como o judeu da lenda hebraica, deixou inapagável rastro de dor e desolação.

E ela amou-o como Julieta a Romeu, o sonhador; por *e/e* imaginou em doirados sonhos, as decantadas noites de Veneza, a seu lado, cortando o azulado golfo, aos sons das arrebatadoras volatas dos noturnos menestrelis.

Sonhou molhar os ardentes lábios nas inspiradoras águas da fonte de Voncluse, relembrando aí os inditosos amores de Laura e de Petrarca.

Mas... foi tudo uma simples ilusão.

*

Zulmira era um anjo... e *ele* parecia-se àquele viajante de que fala a balada alemã, que a Satanás vendera sua sombra.

Assim, ela foi como a flor que desabrocha pela manhã e à tardinha deixa cair as pétalas ainda impregnadas de suave aroma.

Ele, o infeliz precito, divaga pelas sombras da noite – em busca de perdão!

VII – ROMANCE DE UMA NOITE

A Adelino Leônidas

Notre existence est un livre
Que nous tombe écrit des cieux
(Méry)

Era no teatro, em uma dessas noites abafadoras de calor intenso e abrasador; a enchente imensa, os camarotes, galerias e plateia, regurgitavam de espectadores; reinava naquele babilônico recinto o burburinho nuncio das multidões, acompanhando o ruído agitado dos leques num constante abrir e fechar, semelhando cetinosas e multicores asas de borboletas volitando entre luzes, num deslumbre fulgor.

Sob aquela vulcânica atmosfera, em meio das doiradas arcadas desse suntuoso templo, levantava-se um encantamento oriental; os lustres, pendentes de esplêndidos florões, faiscavam derramando ondas de luz, enquanto os cristais dos pingentes oscilavam à semelhança de uma franja cambiante bordada de revérberos.

O farfalhar das sedas, o deslumbrar dos diamantes, as frisadas cabeleiras cintilantes sob os pés abrilhantados, a variedade de flores a contrastar com as madeixas de ouro e as tranças de ônix, o espaço impregnado de um misto de perfumes, e as divinas notas de magistral orquestra ecoando elevadoras,

arrebatavam os sentidos a êxtase ignota, levando o pensamento, qual audaz aeronauta, a romper desconhecidas esferas em busca de vaporosos mundos.

*

Cantava-se nessa noite, a *Lúcia de Lammermoor*, ópera de Donizzeti, música que tanto sensibiliza e comove.

Subiu o pano; os artistas eram exímios, a prima-dona fazia reviver a Mallibran; sua voz derramava torrentes de harmonias; ora elevava-se brilhante, ardente e ruidosa, como as águas que em tremendas catadupas despenham-se de elevadas pedreiras; ora doce, sonora e feiticeira, como o suave passar das virações pelas flores; todos sentiam-se atraídos por esse poderoso ímã; cobriam-na de aplausos, deitavam-lhe às plantas centenares de buquês; e em meio de um delírio sem termo, na cena do castelo de Kvenswood, que tocara ao sublime, alguém ficara indiferentemente, quedado a essa fusão de festa...

*

À frente de um dos camarotes da segunda ordem, uma bela moça, verdadeiro tipo de Desdêmona, a infeliz veneziana, com uns olhos suplicantes, negros, fitava-os com pronunciada atenção e enlevo ungido de impaciência, num vulto de mancebo, que desenhava-se de pé, ao fundo de um camarote fronteiro ao seu; o jovem, com os braços cruzados sobre o peito, a varonil cabeça encostada a uma coluna, estava voltado para o cenário, numa atitude elegante, denotando seu elevado porte cismador o romantismo dos pensativos filhos de nebulosa Germânia.

A palidez de suas faces, fisionomia levemente severa, aonde lia-se um cunho de fatídico sentimentalismo; lábios comprimidos, velados por uma acentuação de dor, o olhar banhado de brilho singular, incerto, frouxo, como o daqueles que parecem vacilar entre esta existência e a vida de além; apresentava os reflexos desses mundos povoados de fantásticas criações, tão vulgares nas lendas do Norte.

Era um conjunto de beleza que ao mesmo tempo atraía e trazia à ideia um pensamento lúgubre: lutulenta nuvem caía como um sudário sobre aquele franzino invólucro; um mistério só conhecido por Deus!

Inteiramente alheio ao lúcido turbilhão que o cercava, sentia-se fascinado pela música e pelo canto; sem dúvida nas róseas asas das dolentes vozes de Lúcia e Edgardo, transportava-se à Escócia, perdendo-se entre um manto de brumas ou deparando com as visões das tradicionais baladas.

Então como que se sentia vítima de uma vertiginosa alucinação.

*

Havia chegado ao terceiro ano, o entusiasmo reinava com mais intensidade, fora sublimemente interpretada essa dolorosíssima tragédia, porém, no momento em que o desgraçado amante solta o canto sobre a tumba de Lúcia, o nosso taciturno desconhecido, que se tinha assentado, levantara-se, pondo a mão sobre o coração, dera alguns passos, cambaleando, como se estivesse ébrio e soltando um breve, mas fundo gemido, caiu sobre o pavimento!

Ao baque do corpo, as pessoas mais próximas invadiram o camarote: - o moço estava morto: da boca escorria sangue que lhe manchava a roupa... sucumbira a um aneurisma do coração.

Em um momento, como o fato *simoun*, que nos inóspitos desertos da Líbia arremessa-se iracundo, levantando os ardentes areais e atemorizando os incautos viajantes , passara também o horrído sopro da morte derrubando um flóreo tronco e com ele a tribo de quimeras e aspirações que ainda há pouco esvoaçara ali.

*

O espetáculo havia terminado: para a maior parte dos assistentes, o triste incidente do camarote *número treze* passara desapercibido; o corpo do infeliz mancebo fora logo retirado dali e um camarote vazio pouco ou nada devia importar, a quem no auge do entusiasmo atordoava-se ao frenético ruído dos *bravos* e palmas...

Só a triste observadora, a nossa Desdêmona sufocara no âmago do peito um poema de lágrimas, quedara à vívida expansão de uma pungente dor. Atônita, via e duvidava desse quadro tredo e lancinante, suportando as agonias do mártir prisioneiro do Cáucaso.

Desditosa! Sentia-se submissa a esse amor, filho das primeiras impressões, porém que em tão breve tempo (o que raramente sucede) vinculara-se à sua alma e estreitando ao coração, ficaria bem como a chama do amianto, ardendo perenemente!

★

Todos retiravam-se; já apagavam alguns lustres, e o teatro emergia-se em uma meia obscuridade; mas a moça sentia-se sem forças, trepidava, ia levada pelo turbilhão, quase que automaticamente, quando seu lenço, prendendo-se no quer que fosse, fê-la parar, e seu olhar foi cair sobre um pequeno ramalhete de violetas que vira no peito do belo desconhecido, e que sem dúvida na ocasião de levarem-lhe o corpo caíra ali; fora o abençoado acaso quem deixara ali aquelas flores, ainda há pouco testemunhas do martírio e de todos os transe dessa horrível tragédia.

Assim, a desgraçada donzela vira-o, amara-o e perdera-o nessa fatídica noite; e o seu sentimental romance legara-lhe apenas aquelas flores, passando-as do peito de um morto para a sua carteira de confidências.

VII – CREPÚSCULO

Hora solene das ideias santas
Que embala o sonhador nas fantasias,
Quando a taça do amor embebe os lábios
Do anjo das utopias!
(Álvares de Azevedo)

Que mundos de recordações saudosas, nos traz a melancólica hora do crepúsculo! Turbilhões de cismas se estendem pelos intermináveis páramos do pensamento: a pálida sombra da saudade projeta-se em nossa alma; mais cresce a lancinante agonia, que nos leva ao suplício de Tântalo, ou às torturas de Prometeu: sofrimento que trucidada a existência, hórrido espinho a romper uma a uma as fibras do coração; dorido angustiar a que a fatalidade nos condena!

Triste daquele, que se sente preso à quadra que fica atrás, sob as densas brumas de um olvido, que a nossa alma não conseguiu emudecer! Reviva embora em nossa imaginação o passado, jamais lhe transpomos os umbrais; seu arbusto floresce em ridente estação, depois o tempo em sua louca passagem arroja-lhe as virentes folhas, quem sabe onde?!

Só ficam as saudades que se abrigam nos desalentos de nossa alma!

Embora o presente seja esmeraldino lago, em cujas águas espelhem-se os multicors raios de cambiantes venturas: embora surjam à flux miríades de ilusões, crenças e áureos anelos, a moldurar os róseos painéis de ideados sonhos

de donzela; o passado nos é presente, mesmo através de brilhante prisma, ainda que além nos sorria a desejada Canaã bendita, a terra da promessa!...

O frio marasmo que fica no peito, após um sonho de esperança que se perdeu na escuridão do espaço; é como luz furtiva de quase extinto círio, a iluminar por instantes a laje funerária. Triste contraste do tranquilo presente é a doirada esperança do porvir!...

Como eu amo a doce hora do crepúsculo!

Bem haja, hora augusta e misteriosa; sinto que me arrebatas às cismas da infância e aos sonhos do passado!

IX – NOTURNO

À Julieta

Forget me not.

Sim, eu vi-te pela vez primeira em uma sombria tarde de agosto; lembraste? As densas camadas de neblina caíam lentas, desdobrando espessas cortina, o sopro glacial do vento rijo do norte sibilava impetuoso, algumas gotas de água principiavam a desprender-se da borrascosa atmosfera; e ao longe, muito ao longe, reboava o surdo eco de horrído trovão.

Meu Deus, que tarde tempestuosa aquela... Lembras-te?

Tu me apareceste, sombrio e tétrico, qual outro Hamlet; tinhas os cabelos revoltos e o rosto iluminado por uma agitação febril.

Vinhas envolto em uma longa capa, e as botas cobertas pela poeira das estradas, atestavam que havias então chegado de alguma jornada...

Depois... quando a tormenta passou, tu tinhas desaparecido também... onde foste?^

Não sabias que teu vulto deixaria em mim uma indelével impressão?

Porque partiste, se a tempestade ficava em minha alma?

★

Correu o tempo, volveram as quadras das flores e dos gelos, as andorinhas
voltarão mas tu não vieste... onde pairavas?

Seguias como um pássaro errante?

Quem sabe?

Um dia... tornei a ver-te: trocamos um olhar longo e profundo.

Lembras-te?

Passaste junto a mim, talvez pela última vez; e deixando cair na fímbria
de meu vestido branco a flor do miosótis, murmuraste baixinho: - “não te
esqueças de mim.”

Foi a última vez...

Lembras-te?

X – LÚCIA

À Exma. Sra. D. Maria Henriqueta Velho Teixeira

Eu sei que ela vive além,
Por trás daquelas estrelas.
(T. Ribeiro)

Lúcia, nome merencório e saudoso como a derradeira nota de entristecido hino do expirar do dia!

★

Lúcia era linda como as virgens dos quadros de Rafael e pura como o seio de uma rosa branca.

O olhar repassado dessa suave tristeza, que tanto fala ao coração, dava-lhe ao pálido semblante a doce melancolia que poetizou a linha filha do pescador de Margelline.

★

Um dia, despertou embalada pela mágica barcarola do anjo do primeiro amor; sorriu aos acordes de ignota lira, deixando sua alma entreabrir-se aos prantos de celeste orvalho.

Amou e amou muito!

*

Mas... pobre Lúcia!

Como a rosa de Malherbe, só teve uma manhã.

Desabrochou ao alvorecer da adolescência, e no sepulcro esfolhou as primeiras flores da mocidade...

Como as perfumosas boas-noites, sorriu ao aproximar das sombras do crepúsculo.

Tímida andorinha, pressentiu os gelos do desalento e foi cândida e formosa abrigar-se aos pés de Deus.

*

Seu túmulo jaz solitário, debruçado à beira-mar.

À noite, quando por trás da cordilheira levanta-se a lua, vão seus gélidos raios escoados pelas quebradas da serra, beijar aquela cruz... Enquanto as gemedoras vagas, batidas pelas virações marinhas, soluçam nênias de saudades e de mistério!

Em seu túmulo, como diz o cantor de *Graziela*:

Uma lágrima saudosa
Já não derrama ninguém...
Veio a segunda mortalha,
Que é o frio esquecimento,
Sobre o pobre monumento
Cair gelada também!

XI – UMA LUTA

A J. A. da Rocha Gallo

Morreu, sumiu-se além, como perdida vela num grupo de densos nevoeiros; derramou clarões, depois bruxuleou... e mais tarde extinguiu-se, passou rápido como o sinistro corcel da balada de Burger; mas também suave, triste e sombrio, como um canto errante pela calada das noites; teve dias inundados em catadupas de luz, outras vezes o lusco-fusco crepuscular ou o pesado escurecer de trevosa noite!

Toucava-se de flores como a radiante imagem da fé, ao lado da noviça que pela vez primeira na cela, ergue uma oração a Deus; semelhava-se à gentil esperança velando na alma de Graziela, desde o momento em que o doce Lamartine poetizou a cabana do pobre pescador.

Foi um poema infinito, peregrina cantilena eternamente ecoada no seio de profunda selva.

Hoje ela o procura em vão, lembra-o, mas não o vê; lhe escuta a voz – mágico condão enlevador – como outrora a donzela de Magdalo, os harmoniosos sons da divina cítara do trovador Boanerges.

Empalecida percorrer a vastidão dos mares, fita os longos páramos azuis, mas embalde, não o vê; louca, delirante como o gênio da desesperação, evoca-o a

todas as horas e em todos os lugares, nas noites tempestuosas, ao rouco bramir de ríspido pampeiro, através de rubros fuzis: e ao clarão da lua cheia, dentre o doce murmúrio de argentadas águas, ao brando oscilar dos nenúfares, em toda a parte enfim. Quer desperte a estrela Vésper, quer descambe o sol no ocidente, ela, como o Judeu da lenda, prossegue sempre!...

É a lacrimosa – saudade – buscando a voz de “levanta-te e caminha” ver surgir o cadáver do – passado – bem como a um aceno do Divino Jesus, erguera-se o Lázaro da Bíblia.

XII – INTERROGAÇÃO

À Etelvina Passos

Era uma noite de encantos!
O céu, o mar tinham prantos
Que nos falavam de amor!
(Amália Figueiroa – *Crepúsculos*)

..... correu tão breve
Como um sonho de amor, sonho adorado,
Que a mão do fado em nosso peito escreve!
(Julieta Monteiro – *Prelúdios*)

Corria a noite; no espaço faiscavam cintilantes, doirados florões de luz; e a lua, langue sultana, despertava vaporosa, mando raios à flux.

*

Eurico, já te não lembras?

No cimo das serranias tombavam as orvalhadas, prateadas ao luar, e a toada do barqueiro, além nas águas do rio, despertava o meu cismar.

*

Tinhas o olhar inspirado, expressivo, iluminado, como embebido na fé; mas no palor do semblante, na desordem dos cabelos, semelhavas um Hamlet...

*

E eu disse-te: Eurico, um dia, quando eu for como a florinha que a nortada derrubou, e no sigilo da campa quedar a pálida fronte, sonharás com quem te amou?

*

Tu suspiraste, eu me lembro; e baixinho me disseste: - “Teremos um sonho só; se fores, peço-te abrigo; ao menos irei contigo, pela escada de Jacó.”

*

E agora, que a noite é linda, e o jasmineiro vacila beijado pelo luar; pergunto se te esqueceste dessa promessa, firmada ali à beira do mar?!

XIII – A PARTIDA DO SOLDADO

À Exma. Sra. D. Maria A. Pacheco

Ao longe, na praça rufavam os tambores, os clarins chamavam à partida e os filhos de Marte corriam a seus postos.

À voz de guerra marchavam, abandonando os afagos do lar, os carinhos das mães e esposas, os doces sorrisos das louras criancinhas e os infinitos poemas que se geram no âmago secreto de muitos corações.

Lá seguiam, coroados de novas esperanças, palpitantes de ardor marcial.

Altaneiro tremulava o pavilhão nacional, cintilavam as espadas e as baionetas, enquanto a voz de mando ecoava pelos ares.

*

Mas, olhai: quantas lágrimas, que desolação vai nessa humilde casinha que se desenha à beira da estrada!...

Aí, nesse bosque de frondosas laranjeiras e verdejante folhagem, que pela primavera guarda os ninhos dos maviosos gaturamos, belo painel onde a natureza desdobrou um manto de luxuriante verdura, onde à tardinha passam as embalsamadas brisas do sul; e onde pela manhã refletem-se os primeiros raios do rei dos astros; ouve-se o melancólico canto do tropeiro rompendo o

silêncio da madrugada, assim como o toque de Ave-Maria, anunciando a hora de voltar ao lar.

*

Aí... parece ter passado um gênio de destruição: o sítio acha-se enlutado, a dor e o desespero nesse dia aziago, substituíram o moço que alegrava essas paragens: partira ele; e agora, assentada ao portal, chora a velha mãe, e às flores, às auras, aos passarinhos, ela interroga pelo filho estremecido! Onde foi seu arrimo? O gentil arbusto que enlaçava a florida rama aos secos e despidos galhos de tão anoso tronco: acaso seria derrubado por fatal *simoun*?

A irmãzinha, com os olhos úmidos de amargurado pranto, acena-lhe um triste adeus; e ele, já sumindo-se na extrema da longa estrada, ainda eleva ao ar seu lenço branco!

XIV – TRÊS ÉPOCAS

A A. M. de Vasconcelos

I

O que é o passado?

É a primeira página solta do livro do coração! Uma folha rasgada, cujos fragmentos o vento do indiferentismo lançou às praias longínquas dos mares do esquecimento.

É uma flor esquecida no turbilhão insólito do mundo, cujas pétalas níveas e perfumosas se dispersaram às lufadas da inconsequência.

O passado é coisa em que as efêmeras imaginações não se detém!...

– O que importa ao homem da época aquilo que já passou?

II

O que é o presente?

É a estátua da virgem meiga – a esperança! Que nos aponta um vergel florido e perfumoso, sonhado oásis de fresquidão, depois dos ardores do longo Saara desta vida!...

O presente é a constante lembrança daquele que nos ocupa a imaginação, que em noites doiradas de ventura as vigílias perfuma e inebria; ou em ridentes sonhos vem de amores cercado doar-nos a palma de tantos suspiros, delírios, saudades e secretos martírios!

O presente é – amar e esperar...

III

O que é o porvir?

É da glória o sonho desfeito, da harmonia apenas um eco, pétalas murchas, inodoras, perdidos restos de brilhantes e esquecidas flores!

O provir é coisa que vista através de um prisma semelhava miríades de brilhantes estrelas, e que perdida a ilusão nada mais é, que – um enxame de pirilampos!

Oh porvir!... provir!... imensa poesia que só pode ser compreendida por alma pura e sensível!...

XV – PRESSÁGIO

A Antônio Mercado

Meu Deus! a saudade que mata a esperança
Profunda em nossa alma, dobrando plangente,
É fino acicate que as fibras destrói,
É tétrico sonho por uma noite sombria,
Veneno que lava, que cresce e corrói.
(Revocata Figueiroa de Melo)

Foi à tardinha, hora das cimas lânguidas e suaves; as flores vaporosas atufavam-se no seio luminoso do ocidente.

Os euros passavam de mansinho balouçando os festões das trepadeiras que enlaçavam as madressilvas e campainhas azuis moldurando a janelinha de um santuário de virgem.

Sob a copa de um frondoso jasmineiro, Heloísa, imersa em cismas, enviava nas asas da saudade, um pensamento ao seu poético Abailard. Seu olhar profundo e pensador ia cair sobre um quadro que divisava-se através dos vidros da solitária janelinha.

A fraca luz da tarde que desfalecia pouco a pouco, caía em cheio sobre esse painel, onde viam-se os belos vultos de Paulo e Virgínia, trocando aquele solene adeus de dolorosa despedida...

*

Adeus de despedida, oh! quanta página do livro do coração se despedaça
nessa hora, em que sentimos a dor da ausência trucidar-nos as fibras da alma!

Oh! um adeus de despedida!

Direi como Tomás Ribeiro:

Num adeus de despedida
Murcha sempre a flor da vida,
Chora sempre o coração!

*

E Heloísa cismava.

A tarde ia morosa e bela; perto, à beira da praia, marulhavam as esquivas
ondinas, as virações marinhas frisavam de leve o quieto espelho das adormidas
águas. Vinha de quando em quando um outro gemido das melancólicas
casuarinas debruçadas à margem do caminho, quebrar aquele silêncio banhado
de infinita poesia.

*

De todo o derradeiro lampejo do sol havia desmaiado dentre as rubras
cortinas do poente, quando Heloísa acordou desse letargo e, sob a lembrança
dele, do sonhado Abailard, tentou colher uma branca rosa que entreabria aos
primeiros beijos do relento; porém a brisa num caprichoso sopro espalhou as
pálidas pétalas da perfumosa flor...

Oh! fatalidade! exclamou a moça, esfolhara-se a rosa e expirara o dia!

O bronze grave e taciturno anunciava Ave-Maria; e além desdobrara-se o véu da noite.

XVI – LUTADORES DO PARNASO

I

Ele habita num templo lindo e fascinante, pousado na esmeralda florida de gigante montanha; descansa num frouxel de brancas flores, sob um docel de cambiantes sedas.

Vaga em redor de si suave aroma, que no espaço perde-se em espirais de incenso; e as lindas trepadeiras enlaçam-se no mármore das colunas.

Junto dele, companheira inseparável, vê-se uma virgem de laureis coroada, dedilhando engrinaldada lira; beija-lhe a sonhadora fronte de visionário e idealista, espreitando, em seu rosto descorado, os sulcos da vigília angustiosa. Em derredor do templo, passam os vultos dos grandes e gloriosos pensadores de todas as nações, a render-lhe seu preito.

II

Vede por uma estrada tortuosa, povoada de sombras e cavernas, à beira de imensos boqueirões, num galopar infrene, arrebatado, febril e desenfreado, um cavaleiro moço, possante, de porte audaz, olhar duro, severo e arrogante, o seu corcel vai louco sem freio, qual Maseppa em fatal corrida...

Traz na mente a traição; espada em punho, enquanto na caverna de seu peito remorde-se com ânsia a inveja cruel, bravia fera.

De espaço a espaço, o cavalheiro encara essa distância imensa e murmura: - “como chegar mais presto à suma altura onde cintila esse ninho tão gentil?”

Então dentre um turbilhão de sombras, depara o vulto do impossível a bradar-lhe: - “Volve, ó Realismo, em vão tentas subir da poesia ao templo, onde ufano reinará eterno o imortal Lirismo!”

XVII – O PERFUME

... o perfume denuncia o espírito.
(Castro Alves)

O que haverá de mais atraente, doce e significativo que o perfume, mágico distintivo de toda a pessoa de espírito, ímã que seduz em todos os tempos e a todas as nações?...

No oriente o perfume impera, domina os filhos do país como o mais poderoso condão; eles embriagaram-se sob as ativas atmosferas, entrevedo entre espirais de essências as recordações do passado, o deslizar do presente e as mil fantasias do futuro; e desde os mais remotos povos que lhe há sido votado um fervente culto.

E que haverá de mais sublimemente poético que o sentirmos um desses suaves cheiros, ligados por invisível cadeia a uma criatura que nos é, ou foi, cara, quando de um livro, uma flor, um lenço, ou um papel amado, dimana uns longes de violeta, rosa, opópanax, resedá ou sândalo?

Que série de pensamentos quando em meio de uma festa, ao fascinador bulício de um baile, no teatro, em qualquer lugar enfim, perpassa por nós uma onda de perfumes; e reconhecemos aí a essência predileta de alguém que muito nos impressiona!...

Decerto o perfume fala docemente à alma; as mais belas e célebres mulheres que têm existido, anunciavam-se a seus adoradores pelo aroma de que usavam com preferência, e que as distinguia como se fora por uma encantadora auréola.

A bela Margarida de Valois, guardando para si (ficção ou história) a cabeça do infeliz e poético Conde de la Molle, impregnou-se de seu perfume querido e que tão adorado fora por esse mancebo, cuja história terminou tão fatalmente.

Permita o céu que um dia, quando a minha fronte sentir-se repousar na argila da morte, lhe esparzam perfumes, cercando-a de odorosas flores.

XVIII – ALDA

A Fileto Ramos

No véu de sua tristeza
Escondeu-se por instantes
E adormeceu, mas bem antes
Meu Deus, da noite cair.
(Lamartine)

Não conhecestes Alda, a criança loura que costumava ao cair da tarde
assentar-se sob a copa do cinamomo, além no terraços daquela casinha isolada?

Nunca viste os seus grandes olhos a fitar o bando de garças e gaivotas que
alvejava dentre os esguios sarandis?

Muitas vezes ficar horas inteiras com a face pendida na delicada
mãozinha mais branca que o mármore de Carrara?

A escutar do tropeiro a merencória toada, que ecoando de serra em serra
perdia-se nas quebradas dos montes?

Assim pensativa, semelhando um anjo cismador, era bela como as
virgens dos sonhos de Ossian!

*

Ontem eu vi, já não era a mesma; pálida florinha debruçara-se à beira de um túmulo: seu olhar profundo e doce, amortecera-se às prematuras névoas do crepúsculo eternal: coroada de brancas flores adormecera à sombra da esperança e despertara às portas do império.

Suas crenças de donzela como espirais dos altares, subiram aos pés de Deus!

*

Se a visses com as vestes de noivado,
Circundada de rosas de jasmims,
Adormida no esquife mortuário,
Entre nuvens de gazes e cetins...
Se a visses, branca filha dos amores
Com as faces banhadas de palor;
Os cabelos esparsos sobre os ombros
Os lábios comprimidos pela dor;

Se a visses como o lírio das encostas
Debruçado às lufadas do tufão;
Formosa como a luz das alvoradas,
Inundada de um pálido clarão;

Apagar-se qual astros cambiante
Sumido nas caligens da amplidão,
Como o eco de um canto peregrino
Perdido nos mistérios da solidão...

Ai! atravessara os espaços como um floco vaporoso; e abrindo as cândidas
asas alara-se à mansão sidérea!

Doce arcanjo a surdina das aragens,
Virá sobre teu leito soluçar;
Dorme às nênias do anjo da saudade
Beijada pelos prantos do luar!

XIX – UM MONGE (*Fragmento*)

Ao Dr. Estevam Leão Bourroul

Sabeis qual seja o valor da palavra
monge na sua origem remota, na
sua forma primitiva? É o de – só
e triste.

(A. Herculano - *Eurico*)

O tempo tinha um aspecto sombrio e tredo, nos altares não havia flores nem luzes, o pisar de um ou outro devoto que vinha à oração, ecoava soturno e pavoroso indo perder-se na imensa abóboda do santuário.

Junto de uma eça onde descansava um singelo ataúde, ouvia-se entoar salmos mortuários.

Quem se acercar-se desse lúgubre quadro, divisaria aí entre os quatro brandões, o inanimado corpo de um mancebo pálido e belo; era um filho do Claustro: vestia o tristonho burel de monge, representando assim a estátua do sofrimento; cingiam-lhe a espaçosa fronte, vinte e três pálidas primaveras, desmaiadas ao tíbio sol do desalento, morta à míngua de benéfico rocio...

No riso amargo que lhe pairava nos lábios, adivinhava-se um desgosto que lhe havia custado lágrimas perdidas na funda solidão da cela; quem sabe se

uma saudosa recordação tinha habitado consigo entre as muralhas do convento, tendo por eco os graves toques do campanário?

Infeliz, no claustro sentiu o frio contágio do beijo da morte, entregando-se ao Mártir do Gólgota, sem ter o soluçar doloroso, a prece fervorosa da família, o encantado bálsamo do lar...

Aí, em volta desse humilde esquife, veem-se apenas os irmãos religiosos, esse grupo de homens cujas fisionomias revelam uma vida despida de esperanças e alegrias.

Ai! desgraçado é o monge.

Porque hão de segui-lo a maldição dos homens?

Porque desprezá-lo? Por ventura não é ele discípulo dos Anchietas e Vieiras?

Vede, é uma injustiça confundi-lo na culpa de voluntária maldade e hipocrisia, visto que a sua missão é sublime e grandiosa.

.....

XX – O MOÇO DO GORRO NEGRO

A Carlos Ferreira

I

Tinha eu na época de que vou falar-vos, quinze ridentes primaveras a engrinaldar-me a fronte; idade feliz de iriantes fantasias, em que alma sorri, vendo-nos vacilar entre os folguedos infantis e as rosas da adolescência.

Nesse tempo, tinha eu por costume levantar-me muito cedo para decorar minhas lições de francês, e sempre colocava-me à janela do gabinete, de onde devassava o jardim de uma casa que ficava fronteira a nossa.

Então via-o trazer uma cadeira, pô-la em meio do jardim e ali sentar-se, ficando por longo tempo em atitude de quem medita.

Que belo moço era ele, pálido, dessa palidez que diviniza e falha às almas sentimentais.

Usava um lindo gorro de veludo negro, que sobre a alvura da espaçosa fronte formava um belo contraste.

Havia naquele todo, um quê de melancólico e poético, semelhante às azuis câmpulas do vale: quem o visse ali tão só, tomá-lo-ia por um cultor das belas artes, com as ideias ainda alteradas pela vigília de um profundo estudo;

buscando ao ar da manhã e as mil belezas da natureza, dar livre expansão a seus pensamentos de artista.

Errônea suposição.

Na verdade o moço do gorro negro (como eu o chamava) era singular, e eu sendo criança ainda, não podia deixar de simpatizar com aquele viver fora do comum: não minto, sentia-me verdadeiramente atraída para ele...

Surgir uma manhã chuvosa ou agreste, era para mim pior que o desabar do cataclismo; sabia que embora o esperasse seria em vão.

Nas manhãs serenas e belas tinha sempre hora e meia de felicidade (o que nada é para quem ama), até que o sol viesse dourar-lhe a fronte; então com toda a tristeza, via-o retirar-se vagarosamente; meu olhar seguia-o através das verdejantes grinaldas que enfeitavam o caramanchão; e quem sabe como abafava um suspiro ao ver cerrar-se aquela porta de grades, após seu elegante vulto?

- Ai, só amanhã o tornarei a ver – dizia eu retirando-me da janela.

II

Porém o tempo passava, e ainda uma vez que fosse, não o havia visto olhar demoradamente para a janela em que me achava; nunca, apenas uma ou outra vez, um relancear de olhos, com toda a indiferença com que fitamos, o que pouco nos interessava.

Meu Deus, como isto torturava-me; quantas vezes fazia o firme propósito de pela manhã não ir à janela; e se fosse nem uma vez olhar para o lado do jardim; mas...qual! faltava-me certa força de vontade que tão necessária é nestas ocasiões.

Vivia na incerteza, a labutar numa multidão de conjecturas, era preciso de um só golpe terminar essa luta entre o coração e a razão; mas como? pensava eu...

Enfim, por uma dessas manhãs em que com toda poesia da alma fitava sua fisionomia correta e insinuante, o seu todo de romântico pensador; veio-me uma ideia feliz percorrer a mente.

Por várias vezes havia visto uma senhora idosa, porém extremamente simpática, encostada às grades do jardim, olhar com toda ternura e enlevo de uma alma de mãe o rosto descorado e belo do moço; era sua progenitora, não havia que duvidar.

Então busquei relacionar-me com ela.

III

Estávamos em dia de S. João; o sol esplêndido, a atmosfera límpida e serena, tudo anunciava uma verdadeira noite de festa.

Eu fora convidada para uma dessas reuniões tradicionais, que é costume fazer em louvor ao milagroso Santo.

Quis então, por um capricho, ou antes para obter um meio de falar àquela senhora, possuir uma camélia branca, que pela manhã havia visto aberta em seu jardim.

Mandei rogar-lhe o obséquio de ceder-me aquela flor, fui feliz na minha primeira tentativa: em breve voltou o portador, trazendo-me, não só a almejada camélia como ainda outras flores enlaçadas em delicado ramalhete.

Como transbordei de alegria!...quão venturosa julguei-me, não imaginam: nessa bela idade, das mais pueris coisas, levantamos mágicos castelos; num fato tão natural entrevi a realização desse éden, que embalava-me a todas as horas, passei o dia num júbilo de felicidade; e à noite fui ao baile, dancei muito, tirei sortes, consultei o *Oráculo de Delphos*, porém sempre preocupada pela lembrança do moço do gorro negro, parecendo vê-lo a meu lado, falar-me, e até voarmos nas deslumbradoras asas de uma arrebatadora valsa de Strauss.

IV

Oito dias se tinham passado depois daquele em que me havia parecido ter encontrado o princípio dessa ventura que há tanto almejava; porém contrariava-me imensamente a frieza e indiferença com que era vista pelo meu belo vizinho; nem um leve indício da mais ligeira impressão, isto era horrível!

Com a sua progenitora o caso era inteiramente outro, cumprimentava-me com extrema delicadeza e agrado, convidando-me a ir passear a seu jardim.

Essa manhã estava bela e quente, o tempo tão seco como é raro no mês de julho, e para atender a um novo convite e aos desejos de meu coração, atravessei a rua num delírio de contentamento, e transpus o caprichoso mosaico que aformoseava o umbral desse paraíso que de certo não havia sido, nem seria, tocado pela espada de fogo do arcanjo enviado.

O que eu sentia nesse momento, o que ideava num tropel de várias ideias impossíveis de coordenar, o receio e alegria de que era tomada, tudo enfim me é impossível descrever.

Felizmente, a simpática vizinha veio ao meu encontro e com a maior afabilidade levou-me pelas mais curiosas ruas do jardim, a fim de ser-me possível admirar de perto o bom gosto, arte e luxo com que tudo ali estava aformoseado; fizemos assim uma longa digressão: faltando-nos, porém, chegar ao caramanchão.

Era ali que sorria-me o desejado oásis; como eu caminhava impressionada e trêmula: ia vê-lo de perto, mas surpreendi-me vendo que nos havíamos aproximado sem que ele se dignasse vir falar-me, ou pelo menos esperar-me de pé.

Que havia de fazer?...

Dei alguns passos para ele e estendi-lhe a mão, então sua mãe chegando-se, lhe pôs a mão sobre o ombro, dizendo-lhe: “Meu filho, tens diante de ti uma senhora que está cumprimentando”

Ele não se fez esperar, pôs-se de pé e curvando-se respeitosamente fez-me uma profunda cortesia; mas olhando-me de um modo tão pouco expressivo, que constrangia-me; porém sua progenitora chegando-se a mim, disse-me baixinho com toda a tristeza: “Pois não vê que está falando a um cego, ignorava esta infelicidade minha?”

E eu, atordoada com tão inesperado golpe, não sabia que responder, procurando sentar-me, ou antes cair, sobre um bando de relva, junto dela... e aí formamos uma conversação geral sobre flores e manhãs agradáveis como aquela.

O moço visto de perto era mil vezes mais interessante: em seu todo havia um pronunciado cunho de distinção e delicadeza, completo pelo apurado órgão da voz doce e convincente, pela admirável pequenez dos pés; seria um tipo invejável se não lhe faltasse a primeira beleza da criatura, a luz do olhar, o espelho da alma, que a maior parte das vezes diz muito mais que os lábios.

Enquanto ele falava-me das horas passadas ali, (para mim tão breves e esperançosas) do sofrimento que a cegueira de gota-serena o havia feito vítima, eu não cessava de fitá-lo e em minha alma soluçar pela sua desgraça, e pelo fenecer de minha primeira ilusão; um raio de sol rompendo dentre os flácidos festões do caramanchão veio de chapa bater-lhe na fronte, e em minha alma, como um eco fúnebre, bradar: é tempo!

Levantei-me, despedindo-me saudosa de tão queridos vizinhos.

Rogaram-me que voltasse, prometi, mas o meu propósito era outro; que me valia um amor sem esperança?

Se, como diz o nosso mavioso poeta Lobo da Costa:

Amor sem esperança é como o cego
Que no pó do tropel nas praças rola;
É um canto sem eco que se perde,
Instantâneo ao partir-se da viola.

.....

Chegada a casa, fechei-me em meu quarto e chorei, chorei muito pela perda dessas páginas íntimas, que tantas e tantas vezes me haviam trazido a vigília; mas ainda assim, tive uma vontade firme, fiz um juramento inquebrantável, cerrei a janela de meu gabinete e não mais aí tornei; fiz dali o túmulo em que jazia tão triste amor.

Passados alguns meses, mudamo-nos e do moço do gorro negro, nunca mais tive sequer uma notícia!

XXI – UMA NOITE NO MAR

À minha querida avó

Que noite aquela!... O éter vestira-se de galas, a terra era um sonho de fadas e o mar manso marulhava baixinho, prateado pelo claro luar das noites tropicais.

É impossível olvidar os enlevos dessa noite de dezembro, até mesmo a canção maruja que os barqueiros entoavam deitando as redes à pesca, ainda me parece escutá-la, bem como o som compassado dos remos caindo na calmaria das águas, à semelhança de uma saudosa toada.

A barquinha seguia dentre feiticeiro cortejo de esquivas ondinas, cortando essa imponente vastidão, como um pássaro aquático, que roçasse as asas pelas arrendadas espumas.

As embarcações ancoradas aí, brilhavam em seus vermelhos e esverdeados faróis.

Seguia o teu olhar pelo azul do firmamento, como quem busca recordar uma era passada, ou fazer reviver a extinta labareda; a fronte tinha erguida, os negros cabelos beijados pelo relento, as delicadas mãos cruzadas sobre o chapéu que te descansava nos joelhos, eras um vulto de pensador, verdadeiro modelo de meu sonhado ideal.

Tímida como a ave das selvas, minha alma falara baixinho.

Alguém recitava a *Partida* de Soares de Passos, acompanhada pelas sonoras vozes de uma harpa; as moças pareciam presas de risonha cisma, enquanto os mancebos feriam os instrumentos, fazendo soar gemebunda surdina. Tudo era belo nessa noite de verão, que tão saudosa lembrança deixou em meu livro da alma.

XII – O SOLITÁRIO DO MIRANTE

Aos meus irmãos João, Otaviano e Romeu

Era um anjo, meu Deus! Triste e saudoso
Como um adeus do sol divino e belo,
Como uma prece em horas de repouso!
Deus lhe lançara à frente o vivo selo
Dos que suspiram pelo eterno gozo
E sonham brandos, divinais anelos!
Seu sorriso era luz, sua voz um canto,
Sei peito a urna de um afeto santo.
(Carlos Ferreira – *Rosas Loucas*)

Bem me lembro: foi a vinte de novembro.

Eu passara uma tarde atribulada, vendo como de improviso, uma das mais virentes flores das minhas crenças deixava cair algumas pétalas, ao sopro da fatalidade: o pálido anjo da noite desdobrara o azulado manto, inundado de diamantinas chispas dos diademas da Virgem...

Era sempre a mesma ideia a torturar-me... previa que as vivas cores de um ridente quadro, traçado na alma, iam desbotar-se aos estragos da tormenta: uma dor infinita pesava-me sobre o peito, a frente era abrasada por consumidora febre; a incerteza lacerava-me a vida, tornando-me quase insensata...delirava numa vigília horrível!...

Só pelas três horas da madrugada uma doce sonolência veio vagarosa cerrar-me as pálpebras, e sonhei.

.....

.....

Meu pai havia alugado uma casinha à beira do rio, onde tencionávamos passar o verão.

Já estávamos aí há um mês, quando notei que o mirante de uma casa que ficava à margem fronteira, era habitado por um moço de luto, que costumava à tarde embarcar em uma canoinha e passar para o outro lado.

Desde a primeira vez que eu o tinha visto, logo consagrara-lhe a mais ardente simpatia: havia reparado que sua fisionomia, mais que triste, era sombria: extrema palidez cobria-lhe as morenas faces, os olhos de um castanho escuro tinham uma expressão, que em outro tempo revelaria vivacidade; porém hoje estavam mórbidos, pisados e com as pálpebras roxeadas; um imperceptível sorriso irônico frisava-lhe os lábios: usava os cabelos tão crescidos, que lhe cobriam o pescoço; sua estatura era mediana e o talhe franzino.

Parecia envolto em profunda tristeza.

Quantas vezes eu o vi à janela com a face pendida sobre a mão!

Essa sombria figura me fazia lembrar Hamlet, uma dessas sombras, que aparecem nas lendas alemãs.

Perguntei a várias pessoas que ser misterioso era aquele, seu nome; porém ninguém o sabia, era conhecido pelo de – *solitário do mirante*. Eu cada vez cismava mais naquele viver tão tristonho, tão despido de galas e divertimentos, que outros mancebos buscam afanosos e delirantes.

Afinal relatei-me com uma moça chamada Graziela, que morava a pouca distância de minha casa. Uma amizade fraternal nos foi ligando como se nos conhecêramos há longo tempo; passávamos as horas, abraçadas e conversando intimamente.

Ela contou-me o amor que nutria pelo belo solitário; as poucas crenças que alimentava, as trevas que ofuscavam o seu céu de felicidade e o seu porvir tão despido de flores! Era um viver árido e desalentado o da infeliz Graziela, que não tinha sequer um olhar, ou um sorriso, em troca de tanto amor!

*

Uma noite estávamos ambas à janela, ouvindo os harmoniosos sons de uma rabeca vibrada no mirante; a música que nos embalava em sidéreos sonhos era uma melodia triste e bela, como seria outrora o soluçar do imortal instrumento de Paganini.

- Oh! como será nobre, sentimental e capaz de grandes sacrifícios aquele que tão bem sabe exprimir as dores e as grandes agonias! - me disse Graziela. "É que sua vida tem sido uma página lúgubre, tarjada de negro, onde há estrofes escritas com fel."

Graziela prometera contar-me a história do belo desconhecido. Essa noite, sob a impressão dessa divina música, lembrei-lhe a sua promessa; a ocasião era oportuna.

Graziela fez-me sentar a seu lado, e começou assim:

- “Aquele moço chama-se Mário; de sua infância sei unicamente que aos cinco anos perdera esse anjo chamado mãe, que é enviado por Deus, para nos mostrar a senda da virtude.

Seu pai, terno e solícito, velou pelo jovem, até a época em que, declarada a guerra com o Paraguai, como dever de militar, teve de deixar o filho querido, para combater pela pátria.

Aí, na sempre lembrada batalha de 24 de maio, esse bravo terminou sua existência.

Então, um bom amigo e padrinho do órfão mandou-o estudar na Academia de São Paulo; e para que se não queixasse de faltas pecuniárias, dava-lhe uma mesada com que pudesse passar, sem depender de pessoa alguma.

Os três primeiros anos de estudos correram entre flores; Mário passava uma vida deleitosa; a coroa do talento transluzia-se na pálida fronte, fazendo-o distinguir de seus mais inteligentes colegas.

Esquivava-se ele a divertimentos; fugia de tudo quanto era distração, para dia e noite, entregar-se com ardor a seus estudos.

Assim vivia Mario, feliz, pois tinha o coração isento de amor, era livre; e dizia que jamais amaria, porque o verdadeiro amor quase sempre nos torna vítimas de provações amargas e dolorosos martírios.

Uma noite em que Mário, encerrado em seu gabinete de estudo, empregava todas as suas ideias na leitura dessa produção sublime, o *Gênio do Cristianismo*, leitura em que embevecia muitas vezes, deixando após seu espírito divagar por mundos de idealismo, foi interrompido por um de seus lentes, que o vinha buscar para abrilhantar o sarau, que dava essa noite para festejar o aniversário natalício de sua filha Helena.

Mário agradeceu tanta honra, prometendo mais tarde lá aparecer.

Enquanto se foi preparar, recordou-se de que já por várias vezes ouvira de alguns estudantes elogios à Helena; como a mais linda moça de São Paulo; e talvez a mais instruída e inteligente: até um deles lhe havia recitado algumas poesias, dizendo-lhe que eram produções da bela jovem.

Pouco a pouco, estes pensamentos se foram apoderando de seu espírito, de modo que, quando saiu de casa, já fantasiava o anjo, que ia talvez prendê-lo com seus atrativos...

Quando o apresentaram à Helena, sentiu que era esse um dos momentos, em que, como diz Victor Hugo: - *Qualquer que seja a atitude do corpo a alma está de joelhos.*

Mário, que até ali fora livre como as aves do sertão, ou como o incenso que se perde na extensão dos ares, agora sentia-se preso e talvez para sempre!...

Em poucos dias, grande metamorfose se operara em seu tranquilo viver; desvairado seguia a estrela radiante que o guiava a uma vereda juncada de rosas, ou talvez, quem sabe?, coberta de urzes e cardos.

Mas ele amava verdadeiramente, e quando há amor assim, nós iludimos a nós mesmos com encantadas esperanças de um futuro de rosas!

Colocara a imagem de Helena no altar de suas mais puras crenças; fizera da vida um turíbulo, cujo perfume ondeava continuamente em torno de sua amada...

Aqui, Graziela fizera uma pequena pausa, suspirando ternamente; e apertando-me as mãos, continuara assim:

“Do nome dela, Mário compusera um poema que lhe ocupava a ideia constantemente: Helena fizera outro tanto por amor dele; ambos inspirados pela luz do talento, compreendiam-se como duas criaturas divinas.

Assim passaram dois anos: de dia para dia mais se ateava o fogo desse amor; Mário resolveu pedir a mão de Helena; porém só lhe foi concedida para depois que completasse os seus estudos.

Mas a fatalidade veio sombrear a felicidade do pobre Mário.”

Estava ele no quinto ano, quando terrível epidemia que então reinava, arrastando consigo centenares de vítimas, veio ferir de morte a desditosa Helena.

Os médicos mais hábeis foram chamados, porém a ciência foi inútil; a terceira noite de sofrimento, essa pérola, que rolara do seio de Deus, e viera por pouco tempo abrilhantar a terra; esse anjo, bateu as cândidas asas e subiu em um raio de luz para a sua pátria celestial.

Mário até essa hora extrema estivera sempre de joelhos junto à cabeceira da pobre moça, procurando animá-la, falando-lhe do porvir que os esperava; porém ela com as faces banhadas de lágrimas olhava-o tristemente, recordava-se do passado, dizendo-lhe:

- Mário, quando pensei que tão cedo iria te deixar! Por que havia na nossa aurora de venturas surgir espectro da morte estendendo sobre mim a sua mortalha de gelo? Quanto é doloroso morrer na quadra feliz em que cingimos as vestes de noivado; quando temos na frente a capela de flores de laranja!

É bem triste; mas Deus assim o quer.

Recebe esta rosa que murchou-se no meu seio; foi a tua primeira dádiva de amor...Lembro-me ainda...foi em uma sala de baile... aos sons de uma orquestra divina. Hoje, ao desprender o derradeiro suspiro, eu te a restituo; guarda-a: e adeus, Mário! adeus! em nome do nosso amor nunca esqueças de mim!

Mário estendeu a mão para receber a rosa, porém soltou um grito, caindo nos braços do pai de Helena: os dedos que ele havia tocado estavam gelidos.

O triste pai e o desditoso amante, nesse amplexo doloroso, ficaram longas horas entregues a uma atonia, que semelhava a morte.

Depois do enterro de Helena, encerrou-se Mário em um quarto e aí conservou-se até o sétimo dia, em que vestindo o luto, que envolvia todo o seu ser, foi ao templo orar pelo repouso de sua infeliz noiva.

Aqueles que aí se achavam notaram a grande mudança, que se tinha operado nesse mancebo, no encovado das faces, na morbidez dos olhos, no ar taciturno e merencório, traduziam-se as dores que martirizavam esse coração, tão novel ainda, e já morto para as alegrias da mocidade!

Após a missa foi Mário despedir-se das pessoas que lhe eram mais caras; dali foi ao cemitério orar junto à sepultura de sua Helena, e jurar-lhe eterna fidelidade.

No dia seguinte embarcou para o Sul.

Chegou há um ano, alugou aquele mirante, e ali tem vivido, nessa solidão, que se casa com a de sua alma!..."

*

O que te acabo de contar, soube-o por uma carta de um primo meu, que era estudante e amigo de Mário; como soubesse da simpatia que eu consagrava ao belo solitário contou-me tudo quanto sabia de sua vida.

Eis aí por que tantas vezes choro nessas solidões em que me tens encontrado.

Segundo me consta, os médicos dão a Mário bem limitada existência.

Quantas noites não passo eu em cruéis vigílias, ouvindo os melancólicos arpejos de sua rabeca! Essa doce música, só é comparável à de Hoffmann, quando acompanhava o canto divino de sua Antonia! E eu ouvindo-o tresvario de amor; muitas vezes caio de joelhos, invocando seu nome; mas tudo é em vão, ele não me ouve; e se me ouvisse talvez fosse indiferente à minha dor...

Adeus, minha amiga, é tarde; longa vai à noite, adeus!...

*

Fui deitar-me, mas não pude conciliar o sono; aquela singular história fizera-me forte impressão.

Passei toda a noite em meditações, e logo amanheceu, levantei-me, não podendo mais suportar as ideias funestas, que se me encadeavam na mente.

Mal levantei-me fui saudar as minhas flores, depois cheguei à janela e ouvi a dois moços que conservavam perto:

- O poeta que habitava aquele mirante expirou esta noite: foi uma síncope tal, que quando chegaram para socorrê-lo já não existia.

- É mais um mártir de amor. Até os seus últimos momentos foi sempre constante à lembrança de sua noiva!

- A dádiva que ela lhe fez ao morrer, guarda-a ele apertada contra o coração.

- Não reparei - disse um terceiro moço, que se havia reunido ao grupo.

- Pois não viste? É uma rosa seca, em cujas folhas consegui ler esta estrofe:

Adeus, ó rosa, desbotada e seca,
Que tantas vezes a chorar beijei;
Adeus pra sempre minha flor diletta
Santa relíquia, que em delírio amei!

.....
Aqui, finalmente, acordei: era já bem tarde, mas mesmo assim, senti não ver qual o fim da minha pobre Graziela.

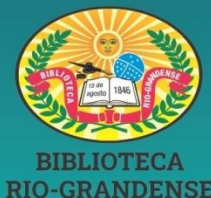


A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



edicoesbibliotecariograndense.com



9 786553 060524

ISBN: 978-65-5306-052-4